

BLUMENAU

em Cadernos




FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU
25 ANOS

TOMO XXXIX
FEVEREIRO 1998
NÚMERO 02



ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Pessoas que construíram a história de Blumenau.

Foto não identificada.

*Obs.: Caso você conheça alguém nesta foto,
informe-nos pelo fone (047) 326-6990.*

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Tudo está depositado na bênção do Senhor <i>Padre Estanislau Schaette (OFM)</i>	07
Relatório à Diretoria da Colônia Blumenau (29/3/1878) <i>Frederico Deeke</i>	26
O Integralismo no Vale do Itajaí <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	33
No “Gaspare” - Carta de João Schramm (1911) <i>Tradução: Frei Elzeário D. Schmitt (OFM)</i>	38
O Autor Catarina diz que existe <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	52
O Sonho Americano / Corrupção tem jeito? / Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	56

**Documentos
Originais**
Almanaques

**TUDO ESTÁ
DEPOSITADO
NA BÊNÇÃO
DO SENHOR***

*Padre Estanislau
Schaette (OFM)*

BLUMENAU
em Cadernos

O texto a seguir foi escrito pelo Padre Estanislau Schaette, da Ordem Franciscana Menor. Foi durante muitos anos professor no Colégio Santo Antônio, além de cronista e pesquisador que deixou interessantes artigos publicados nos periódicos "Vita Franciscana", "Luzeiro Mariano" e "O Vale do Itajaí".

*O presente texto foi publicado no ano de 1932, no periódico **Herz Jesu Kalender** e editado pela Dnick e Verlag, da cidade de Brusque.*

Trata-se de um artigo que focaliza os primeiros tempos do catolicismo na Colônia Blumenau.

Com muita propriedade e conhecimento o autor escreve sobre aspectos da colonização, as dificuldades, venturas, desventuras e realizações do imigrante.



Folha de Rosto do Herz-Jesu Kalender

*) Tradução de Méri Frotscher - Mestranda em História na UFSC.

“Der Segen Gottes strömt wie ein Fluß; die zu ihm wachen, werden ihn finden.” So lesen wir im Buche Girach.

Gott verteilt seine Segensgaben nach seinen heiligen Absichten. Manchmal fühlt sich die arme, kleine Menschenseele von der Gewalt der göttlichen Gnade hingerissen, wie der Schächer am Kreuze oder wie der wutschnaubende Saulus auf dem Wege nach Damaskus. Beide wurden plötzlich aus Feinden Christi freiwillige Leidensgenossen des Heilandes und hoffnungsfrohe Erben des Himmels.

Im allgemeinen arbeitet der Segen Gottes nicht mit schnellen, weithin wahrnehmbaren Erfolgen. Langsam, andauernd, stärkend und tröstend ist er z. B. in den Familien tätig, wo Gottes Gebot noch gebührend geachtet und der Name des Allerhöchsten täglich angerufen wird. Die folgende, wahre Erzählung soll als ein Beweis dienen.

Im Frühjahr 1861 verließ der Witwer Joseph Vogel, der als Ackersmann in Wiesenthal (Baden) gewohnt hatte, seine deutsche Heimat. Er war damals 49 Jahre alt. Mit seinen Kindern August, Maria Katharina, Hieronymus, Valentin und Anna wanderte er nach Brasilien aus. Der älteste Sohn zählte schon 20 Jahre die jüngste Tochter 7 Jahre. So hatte er also für seine Kolonistenarbeit gute Hilfe.

Er siedelte sich in der Blumenauer Kolonie an, 12 km von Stadtplatz entfernt am Ufer der Garcia. In der Umgegend machten sich seine Landsleute August Sutter, Andreas Zoz, Damiam Maier, August Bader und noch einige katholische Familien ansässig. August Sutter wurde noch im demselben Jahre sein Schwiegersohn, da er die älteste Tochter als Gattin heimführte.

Zu dieser Zeit hegte man in der neuen Ansiedelung schöne, berechnete Hoffnungen. Seit Anfang 1860 hatte die “Regierung die Kolonie übernommen und den Gründer als Direktor eingesetzt. Sie bewilligte Gelder zum Wegebau. Gerne griffen die Kolonisten zu, um, durch diese Arbeit ihr gekauftes Land abzuzahlen und Barmittel ins Haus zu schaffen. Die heranwachsenden Söhne halfen zeitweise mit beim Roden des Urwaldes und bei der Errichtung der bescheidenen Wohnungen und Schuppen. Aber monatelang konnten sie auswärtige Beschäftigung annehmen. Es war ihnen eine Freude, ihr erworbenes Geld den Eltern abzuliefern und so die Lebensverhältnisse der Familie zu bessern.

Der nachbarliche Verkehr war damals angenehm. Hochmut kannte man nicht. Für alle war äusserste Einfachheit Lebensregel. Die freie Zeit am Sonntagnachmittag verflöge gewöhnlich im trauten Besuch bei Freunden oder Verwandten. Die Unterhaltung eilte oft zurück zur alten Heimat. Briefe und

"A bênção de Deus flui como um rio; os que esperam por Ele, irão encontrá-lo". Assim lemos em Isaías. Deus difunde a sua graça através dos seus santos desígnios. Nas famílias onde os mandamentos de Deus são adequadamente percebidos e onde o nome do Ser Supremo diariamente é chamado, Sua atuação é lenta mas permanente, forte e consoladora. A narrativa verídica que segue, deverá servir como prova disto.

O viúvo Joseph Vogel, que havia morado em Wiesenthal (Baden) como agricultor, deixou sua pátria alemã na primavera de 1861. Ele tinha então 49 anos. Emigrou para o Brasil com seus filhos August, Maria Katharina, Hieronymus, Valentin e Anna. O filho mais velho já contava então com vinte anos e a filha mais nova, sete. Assim, ele tinha uma boa ajuda para o seu trabalho na colônia.

Estabeleceu-se na Colônia Blumenau a 12 km. do centro da cidade, nas margens do rio Garcia. Nas suas imediações se estabeleceram seus compatriotas August Sutter, Andreas Zoz, Damian Maier, August Bader e mais algumas famílias católicas. No mesmo ano August Sutter tornou-se seu genro, ao desposar sua filha mais velha.

Àquela época nutriam-se muitas esperanças na nova colônia. Desde o início de 1860, o governo imperial encarregou-se da administração da colônia, instituindo o fundador como seu diretor. O governo concedeu fundos para a abertura de estradas. Os colonos aproveitaram com gosto esta oportunidade para, através deste trabalho, quitar seus lotes e investir em suas casas. Os filhos crescidos ajudavam de vez em quando no desbravamento da mata e na construção das modestas casas e choupanas. Ao longo do mês também tinham a oportunidade de exercer outras ocupações. Era uma alegria para eles entregar o dinheiro assim adquirido aos seus pais e, com isso, melhorar o nível de vida da família.

As relações com a vizinhança eram agradáveis. Altivez não se podia ter. A simplicidade mais extrema era a regra de vida de todos. O tempo livre do domingo à tarde era passado agradavelmente visitando-se os amigos e parentes. As conversas muitas vezes regressavam à velha pátria. Cartas e livros da Alemanha eram cuidadosamente guardados, muitas vezes lidos e freqüentemente comentados. Também as cartas que eram enviadas para lá preenchiam muitas horas dos domingos.

Elas falavam sobre a nova vida no sul do Brasil, sobre trabalho, alegria e sofrimento dos imigrantes.

Bücher von dort wurden sorgsam aufbewahrt, oft durchgelesen und häufig besprochen. Auch die Briefe, die zum alten Vaterland geschickt wurden, füllten manche Sonntagsstunde aus. Sie von dem neuen Erleben in Südbrasilien, von Arbeit, Freud und Leid des Ansiedlers.

DER BRIEF AUS BRASILIEIN UND SEINE WIRKUNG

In den Dörfern Wiesentahl, Kirrlach, Langerbrücken, Oberöwisheim, Kronau und Ottenau wartete man mit Ungeduld auf die erste Nachricht aus Südbrasilien. Die ausgewanderten Verwandten und Freunde hatten das Versprechen gegeben, ausführlich und wahrheitsgetreu alles zu berichten, was ihnen im neuen Lande begegnen würde. Endlich kamen verschiedene Briefe an. Sie machten gewaltiges Aufsehen, mehr als der riesige Elephant aus dem Zirkus, der auf der Kirmes erschienen war. Man las die Schreiben zu Hause am Familientisch, man brachte sie zum Pfarrer, der sie genau durchstudierte und von der Kanzel herab die Grüsse übermittelte, man tauschte sie aus und Blumenau-Brasilien wurde jetzt in der Phantasie der Einzelnen ein beliebtes Bild.

Die Leute erfuhren, das die Reise auf dem Segelschiff bis Rio de Janeiro 68 Tage gedauert hatte, dass die Ankömmlinge auf einer Insel untergebracht worden und täglich zweimal schwarze Bohnen gegessen hatten, dass die Regierung sie auf Küstenseglern zum Süden nach Itajahy hatte bringen lassen und dass dort Dr. Blumenau für sie gesorgt und zur Kolonie geschaffft hat. Wenig bebautes Land war zu sehen gewesen, dagegen Urwald ohne Ende. Jagen darf jeder, wer will, auch Fischen. Und diese Arbeit ist nie vergebens. Auch Früchte gibt's hinreichend. Für wenig Geld kann man eine grosse Kolonie kaufen und sie teilweise durch Arbeitsleistung abbezahlen. Die ersten Häuser macht man aus runden schlanken Palmitenstämmen und deckt sie mit den Blättern der Palme. Samstags braucht man den Fussboden nicht zu scheuern, weil er aus gestampfter Erde gemacht wird.

Und die Religion? Der Nachbar, der zuerst seine Hütte fertig hatte, rief seine Verwandten und Freunde herbei, hielt eine Lesung aus der Handpostille, betete vor und ein Gesangskundiger stimmte die schönsten Kirchenlieder der Heimat an. Die nächste Kapelle war bei Gaspar am Hauptfluss Itajahy gelegen, über 20 km entfernt, aber auf Reitwegen erreichbar. Schon im zweiten Monat nach seiner Ankunft in Blumenau hatte sich Joseph Vogel mit seinen Freunden Sutter, Zoz und Bader aufgemacht, um dem Sonntagsgottesdienst in

CARTAS VINDAS DO BRASIL E SEUS EFEITOS

Nas vilas de Wiesenthal, Kirrlach, Langerbrücken, Oberöwisheim, Kronau e Ottenau se esperava com impaciência pelas primeiras notícias do sul do Brasil. Os parentes e amigos emigrados haviam prometido relatar minuciosa e fidedignamente tudo o que lhes ocorresse no novo país. Finalmente chegaram cartas diversas umas das outras. Elas traziam imagens extremamente exageradas. As cartas eram deixadas em cima da mesa familiar, ou trazidas ao pároco, que as lia minuciosamente e do púlpito da igreja transmitia as lembranças e cumprimentos enviados. As cartas também eram intercambiadas entre parentes e amigos, e assim, a cidade brasileira de Blumenau foi se tornando uma simpática imagem na mente dos que ficaram.

Estas pessoas chegaram a saber que a viagem marítima até o Rio de Janeiro demorou 68 dias, que os recém-chegados foram hospedados numa ilha, que comiam feijão preto duas vezes por dia, que o governo providenciou o seu envio para o sul até Itajaí, através de um barco à vela, e que o Dr. Blumenau os recebeu e os acomodou. Poucas construções havia para se ver, pelo contrário, somente uma infindável floresta. Todos deviam caçar e quem quisesse poderia também pescar, o que não era feito em vão, pois havia muitos peixes. Havia também frutas em abundância. Com pouco dinheiro podia se comprar uma grande colônia, e através do seu rendimento, pagar aos poucos. As primeiras casas eram feitas de redondos e esbeltos troncos de palmito e cobertas com folhas de palmeira. Não era necessário lavar o chão aos sábados, pois ele era feito de chão batido.

E a religião? O vizinho que primeiro construiu a sua cabana, chamava seus parentes e amigos e fazia uma leitura de seu livrinho de bolso, recitava uma oração e um cantor entoava uma das mais belas canções religiosas da pátria-mãe. A capela mais próxima ficava em Gaspar, a 20 km de distância, às margens do grande rio Itajaí, cujo acesso todavia, era perfeitamente possível a cavalo. Já no segundo mês após a chegada a Blumenau, Joseph Vogel e seus amigos Sutter, Zoz e Bader combinaram assistir juntos à missa dominical na Capela de São Pedro. Ainda sob o luar da madrugada saíram de casa. Ao amanhecer passaram pelo centro da cidade. Antes da santa missa começar, atravessaram o rio e fizeram amizade com os antigos imigrantes. Raramente haviam assistido a uma santa missa tão atentamente como aquela. Esta era sua primeira santa missa no novo país; o pároco apregoou a palavra de Deus na língua alemã, as orações e canções lhes eram todas co-

der Peterskapelle beizuwohnen. Als der Mond noch am Himmel stand, gingen sie von Hause weg. Beim Morgengrauen passierten sie den Stadtplatz. Vor der hl. Messe langten sie dort an, und fuhren über den Fluss und machten Bekanntschaft mit den älteren Ansiedlern. Selten hatten sie einer hl. Messe so andächtig beigewohnt wie dieser. Es war já für sie die erste hl. Messe in der neuen Heimat; der Priester verkündete Gottes Wort in deutscher Sprache; Gebete und Lieder waren ihnen bekannt. Ein freudiges Glücksgefühl durchströmte sie, ein fühlbarer Ersatz für das Heimweh, das sich manchmal still im Herzen geltend gemacht hatte.

Dem guten Pfarrer Gattone fielen die neuen Kirchenbesucher auf, die keinen Blick von ihm abwandten. Nach der hl. Messe warteten die Badenser, bis alles erledigt war. Dann stellten sie sich dem Pfarrer vor. Dieser hatte für jeden freundliche Worte und lud sie ein, mit ihm sein nahes Haus aufzusuchen. Sie gingen mit. In der Nähe der grossen Figueira stand die über aus einfache Pfarrwohnung. In derselben herrschte Ordnung und Armut. Der Nachbar Nikolaus Dechamps musste den Tisch decken und an der Mahlzeit teilnehmen.

Munter ging die Unterhaltung weiter Sutter sagte einmal: "Heute haben wir gemerkt, dass unsere Katholische Kirche wirklich eine Mutter ist. Wir fühlen uns hier zu Hause." "Das sollt Ihr auch, meinte P. Gattone, dieser Gedanke soll Euch noch lange zum Troste dienen!"

Abends kamen die Kirchenbesucher wieder bei den Ihrigen an. Sie waren Müde, aber erzählen konnten und mussten sie bis zum Einbruch der Nacht. Von diesem Sonntag an hat immer eine Gruppe von Angehörigen die beschwerliche Reise zur hl. Messe gemacht.

Diese klaren brieflichen Schilderungen verfehlten nicht ihre Wirkung. In Oberöwisheim ging Sebastian Zoz zum Pfarrer Goldschmitt und sagte: "Herr Pastor, ich will mit meiner Familie auch nach Blumenau answandern. Was mein Bruder Andreas und Joseph Vogel geschrieben haben, hat mir gut gefallen. Ich glaube, dass drüben in Südamerika meine Kinder leichter ein Eigentum erwerben können, als hier!"

"Da habt Ihr recht," entgegnete der Pfarrer. "Für Euch wird der erste Anfang nicht zu schwer sein. Ihr habt Stütze an Euren Verwandten."

"Ich kann mich auf diese verlassen, meinte Sebastian Zoz. Wir haben uns hier immer so gut verstanden und im fremden Lande jedenfalls noch mehr."

"Wann gedenkt Ihr zu reisen?"

"Im nächsten April oder Mai." (1862)

"Die Reisezeit ist gut ausgewählt, sagte der Pfarrer. Schickt mir Eure Schulpflichtigen Kinder her. Ich will sie zur ersten hl. Kommunion vorbereiten.

nhecidas. Uma felicidade gratificante tomou conta de cada um. Aquela missa tornou-se uma sensível substituta da saudade da pátria. Isto muitas vezes acalmava seus corações!

O gentil padre Gattone logo notou os novos fiéis que atentamente assistiam à missa. Os "Badenser" esperaram pelo padre no fim da santa missa para se apresentarem a ele. A cada um o padre dirigiu uma palavra amiga e convidou-lhes para visitarem sua casa, que ficava nas proximidades. Eles o acompanharam. A casa do padre ficava nas imediações da grande figueira. Era extremamente simples, local onde imperava a ordem e a pobreza. O vizinho Nikolaus Deschamps teve que pôr a mesa e tomar parte na refeição.

Alegre ía a conversa até o momento em que Sutter comentou: "Hoje nós percebemos que nossa Igreja Católica é realmente uma mãe. Nós aqui nos sentimos em casa". "Este pensamento lhes deve servir de consolo por um bom tempo", disse padre Gattone.

À noitinha os fiéis retornaram para os seus. Eles estavam com muito sono, mas ainda podiam falar e o fizeram até o cair da noite. Desde este domingo um grupo de parentes sempre fazia a penosa caminhada para assistir à santa missa.

Estas claras descrições enviadas por carta não deixaram de dar resultados. Em Oberöwisheim, Sebastian Zoz foi ao pároco Goldschmitt e disse: "Senhor Padre, eu quero emigrar para Blumenau com minha família. Muito me agradou o que meus irmãos Andreas e Joseph me escreveram. Acredito que lá na América do Sul meus filhos poderão adquirir mais facilmente uma propriedade do que aqui!".

"Você tem razão", replicou o pároco. Para vocês o início não será tão difícil. Vocês têm o apoio de seus parentes".

"Eu posso contar com eles", comentou Sebastian Zoz. "Nós sempre nos entendemos muito bem e num país estranho com certeza nos entenderemos melhor ainda."

"Quando você pretende viajar?"

"No próximo mês de abril ou maio" (1862).

"A época da viagem foi bem escolhida", disse o pároco. "Mande seus filhos aplicados para cá. Eu quero prepará-los para a primeira santa comunhão. Em país estranho a oportunidade para tal certamente não será tão propícia."

Im fremden Lande wird dazu die Gelegenheit nicht so günstig sein."

Freudig stimmte Sebastian zu. Die Kinder gingen regelmässig zum Unterricht und der Pfarrer zeigte sich dabei als ein äusserst kluger Mann. Er vermittelte seinen jungen Zuhörern nicht nur die notwendigen Kenntnisse, sondern leitete sie praktisch an, oft und andächtig an die Gegenwart Gottes zu denken, häufig sich an den Schutzengel zu erinnern, beim Anblick der Blumen und Früchte, der Sonne, Sterne und Gewässer den Schöpfer alles Guten sich vorzustellen.

Meisterhaft erzählte er ihnen geeignete Lektionen aus der biblischen Geschichte, welche die Kinder ganz oder teilweise wiederholen sollten.

Er gab ihnen Kinderschriften zu lesen und fragte den Inhalt ab, so z. B. die Erzählungen von Christoph von Schmid. In richtigem Urteil sagte sich der Pfarrer: "Diese Kinder müssen später ihren religiösen Geist fast ganz selbständig erhalten und beleben. Deshalb sollen sie in ihrem Innern eine wohlthätige Quelle guter Anregungen besitzen. Freude an guter Lektüre soll ihnen ein zweiter Schutzengel sein."

Die Abreise nahte heran. Der Pfarrer berief die Auswanderer am 30 März 1862 zum Abschiedsgottesdienst. Er spendete ihnen die hl. Sakramente, hielt eine eindringliche Predigt, opferte die hl. Messe für sie auf und schenkte ihnen für eine zukünftige Urwaldskapelle zwei Messgewänder und eine Prozessionsfahne.

Im Vertrauen auf Gottes Hilfe reisten die Familien ab.

LEBEN UND WIRKEN IN BLUMENAU

Am 12. August landete die Reisegesellschaft in Rio de Janeiro und kam noch im gleichen Monat in der Kolonie Blumenau an. Freudiges Wiedersehen gab's nun bei den Verwandten und Freunden. Bald schon machten einige der Neulinge den schwierigen Kirchgang zur Peterskapelle bei Gaspar. Sie begrüßten den Pfarrer Gattone und sagten ihm: "Wir haben auch zwei Messgewänder mitgebracht."

"Dann baut doch so schnell als möglich eine Kapelle" riet dieser. "Gerne werde ich Euch besuchen."

Das Wort zündete. Es dauerte nicht lange und das kleine bescheidene Gotteshaus war fertig. Man hatte es auf dem Kirchhof der oberen Garcia errichtet. So hielt P. Gattone im Jahre 1863 den ersten Gottesdienst im Blumenauer Urwald. Alle drei Monate kam er hin und blieb 3 Tage dort. Der priester

Contente, Sebastian concordou. As crianças freqüentavam assiduamente as aulas, e nesta tarefa o pároco mostrava-se competente. Ele ensinava aos seus jovens ouvintes não somente os conhecimentos mais necessários, mas também lhes ensinava a prática, para que pensassem constantemente e devotadamente na presença de Deus e sempre se lembrassem do anjo da guarda, toda vez em que vissem as flores, as frutas, o sol, as estrelas, as águas e todas as coisas boas que o Criador lhes mostrasse.

Magistralmente lhes contava oportunas lições da Bíblia, que deveriam ser repetidas total ou parcialmente pelas crianças. Para ler, dava às crianças estórias infantis, como por exemplo, os contos de Christoph von Schmitt, e perguntava-lhes em seguida o conteúdo. Num sábio parecer falou o padre:

"Estas crianças terão, dentro em breve, que manter e cultivar seu espírito religioso praticamente sozinhas e conscientemente. Por isso vocês devem interiorizar nelas muito ânimo. A alegria de boas leituras deverá ser seu segundo anjo da guarda."

Assim, chegou a hora da partida. Em 30 de março de 1862 o pároco conclamou os emigrantes à missa de despedida. Ele lhes administrou os sagrados sacramentos, proferiu uma emocionante prédica, consagrou-lhes a santa missa e os presenteou com duas casulas (vestimenta sacerdotal que se põe sobre a alva e a estola) e um estandarte para procissão, que lhe serviria para a futura capela na Colônia.

Com fé na ajuda divina, a família partiu.

VIDA E ATIVIDADES EM BLUMENAU

Em 12 de agosto o grupo de imigrantes partiu do Rio de Janeiro, e no mesmo mês chegaram na Colônia Blumenau. Alegre foi o reencontro com os parentes e amigos. Logo alguns dos recém-chegados fizeram a longa caminhada até a capela de São Pedro em Gaspar. Cumprimentaram o padre Gattone e lhes disseram: "Nós também trouxemos duas casulas."

"Então construam tão cedo quanto possível uma capela", aconselhou ele. "Eu irei visitar-vos com prazer".

liche Besuch wurde von den Katholiken gut ausgenutzt. Die Badenser verpflanzten dorthin die Gebete und Gebräuche ihrer alten Heimat. Die kleine Kirchhofskapelle wurde bald ersetzt durch ein neues Haus in unmittelbarer Nähe, welches der Kolonist Beiler gebaut hatte. Er konnte es nicht beziehen, da ihn eine Krankheit hinwegraffte.

Das freundschaftliche Verhältnis zum P. Gattone bewirkte, dass die Badenser aus der Garcia beim Petersfeste am damaligen Pfarrsitze nicht fehlten. Am 29 Juni 1864 waren sie dort wieder gut vertreten. In der Unterhaltung fragte Joseph Vogel den Pfarrer: "Wann wird in Blumenau das erste Patronsfest gefeiert? Der Tag von Pauli Bekehrung ist doch dafür bestimmt."

"Das hängt von Euch Blumenauern ab", entgegnete der Pfarrer. "Wenn Ihr die Kapelle am Stadtplatz baut, halte ich am 25. Januar die Einweihung."

Drei Stadtplätzer, nämlich Franz Bader, Joseph und Xaver Bugmann, standen dabei. Sofort sagte Bader: "Herr Pfarrer, geben Sie unseren Freunden und Landsleuten aus der Garcia ein gutes Wort, damit sie uns helfen. Dann wird das Werk gelingen."

August Sutter meinte darauf: "Wenn unser Pater es wünscht, helfen wir mit."

"Ja," sagte P. Gattone, "Ihr erfüllt mir damit einen schon lang gehegten Wunsch, denn der Stadtplatz kann nicht ohne Kapelle bleiben."

Dann gab Joseph Vogel die Entscheidung: "Wir wollen die Sache mit den Stadtplätzern überlegen und dann wird's schon gehen."

Franz Bader und Xaver Bugmann nahmen Rücksprache mit Dr. Blumenau, der natürlich mit allem einverstanden war. Zur festgesetzten Zeit kam eine Gruppe von Jünglingen und Männern aus der Garcia, half mit, einen Weg zum Kirchhofberg anlegen, fällte bestimmte Bäume und machte die Holzrollen. Später folgte das Sägen der Balken und Bretter. Die Zeit verging schnell. Schliesslich musste in den letzten 14 Tagen fieberhaft gearbeitet werden. Aber die Sache gelang. Am 24 Januar 1865 schmückten die katholischen Frauen vom Stadtplatz die neue Kapelle, früh am 25. richteten und deckten sie den Altar und P. Gattone sang nachher das erste Hochamt. Die Geschwister Schramm waren von Gaspar gekommen und bildeten den Kirchenchor. Der bekannte Musiker aus der Garcia, Rüdiger erschien mit seinen Musikanten.

Nach dem Hochamte zog die erste Prozession vom Kirchplatz bis zum Hafen. Sebastian Zoz trug die Fahne, die er aus der Heimat mitgebracht hatte

Estas palavras os tocaram profundamente. Não durou muito e a pequena e modesta casa de Deus estava pronta. Foi construída perto do cemitério do Alto Garcia. Assim, no ano de 1863 o padre Gattone proferiu a primeira missa no interior de Blumenau. A cada três meses ele vinha e ficava aí três dias. A visita do padre era bem aproveitada. Os "Badenser" cultivavam ali as orações e rituais de sua velha pátria. A pequena capela do cemitério logo seria substituída por uma nova casa das imediações, construída voluntariamente pelo colono Beiler. Ele não pôde habitá-la pois uma doença o arrebatou.

O padre Gattone cultivou uma relação tão amigável que os "Badenser" do Garcia não faltavam a nenhuma festa de São Pedro de sua paróquia. Em 29 de abril de 1864 eles estavam lá novamente bem representados. Na conversa, Joseph Vogel perguntou ao padre: "Quando se comemorará em Blumenau a primeira festa do patrono? O dia da conversão de São Paulo seria o dia certo".

"Isto depende de vocês, blumenauenses", replicou o padre. "Se vocês construírem uma capela no centro de Blumenau, em 25 de janeiro eu farei a inauguração".

Três terrenos estavam à disposição: os de Franz Bader, Joseph e Xaver Bugmann. Imediatamente disse Bader: "Seu padre, dê a nossos amigos e vizinhos uma boa palavra ou fale com eles para que nos ajudem. Assim a obra terá êxito".

Augusto Sutter disse a respeito: "Se nosso padre assim o quiser, nós ajudaremos".

"Sim", disse o padre Gattone, "com isso vocês realizariam um desejo antigo, pois o centro de Blumenau não pode ficar sem uma capela."

Então Joseph Vogel tomou a decisão: "Nós vamos discutir isto com os moradores da cidade e a partir daí construiremos a capela".

Franz Bader e Xaver Bugmann conferenciaram com o Dr. Blumenau, que ficou de acordo com tudo.

Conforme combinado, veio um grupo de jovens e homens do Garcia e ajudaram a construir o caminho para o morro do cemitério, cortaram determinadas árvores e fizeram delas toras de madeira. Em seguida, serraram vigas e tábuas. O tempo passava rápido. Finalmente, nos últimos 14 dias teve-se que trabalhar arduamente. Mas a obra teve êxito. Em 24 de janeiro de 1865 as mulheres católicas do centro da cidade enfeitaram a nova capela e, bem cedo, na manhã do dia 25, cobriram o altar. Após isto, o padre

und die Badenser stimmten ihre gewohnten Gesänge und Gebete an. Das war für die wenigen Katholiken in Blumenau ein seltener Freudentag. Sie fühlten, dass sie in der neuen Heimat Wurzel gefasst hatten.

EIN WENIG FAMILIENGESCHICHTE

Aus Kindern werden Leute, sagt das Sprichwort. Zwei Söhne der Joseph Vogel erwählten als Lebensgefährtinnen Töchter des Sebastian Zoz; August nahm die Barbara und Valentin die Maria Anna. Die Heiraten wurden in Gaspar geschlossen, die letztere am 2. Dezember 1867.

Damals war die erste primitive Peterskapelle, die 3 km. entfernt war von Gaspar, durch eine geräumige Holzkapelle auf dem jetzigen Kirchberge ersetzt worden. P. Gattone hatte sie vor seinem Übersiedeln nach Brusque am 29. Jun 1867 eingeweiht. Er kam jetzt selten nach Gaspar, noch seltener zur Garcia. Für kurze Zeit vertrat ihn der Pater Zielinski.

Im Jahre 1879 kaufte August Sutter ein Grundstück am Stadtplatz und zwar an der linken Seite der Hauptstrasse, die vom Hafen nach der katholischen Kirche führt, vielleicht 120 m. entfernt vom Kirchhügel. Ein Jahr darauf hatte er sein Haus dort gebaut. Als er anfang, es einzurichten, trat plötzlich das furchtbare Hochwasser ein. Frau und Kinder waren gerade im Hause beschäftigt. Sie konnten nicht bleiben. Mit vielen anderen fanden sie Unterkunft beim P. Jakobs in Schule oder Kirche.

August Sutter war auf seiner Kolonie in der Garcia tätig gewesen. Das Hochwasser brachte ihm schwere Sorgen wegen der Seinigen. Im Nachen fuhr er die Garcia herunter, bog zum Stadtplatz ein und fand vor seinem Hause nur den oberen Teil des Daches ausserhalb des strömenden Wassers. Nun fuhr er zur Kirche hin, und zu seiner freudigen Überraschung empfingen ihn Frau und Kinder an der Kirchentreppe. Jetzt musste er bei ihnen bleiben und das Ende der Überschwemmung abwarten.

Sein Geschäftshaus war Später der Treffpunkt der Katholiken, die zum Stadtplatz kamen. Manche Gesangübung und Beratung hat dort stattgefunden. Er selbst blieb der zuverlässige Helfer des P. Jakobs bis zu seiner letzten Krankheit. Er starb am 2. August 1895.

Valentin Vogel siedelte 1869 zum oberen Encanofluss über; 12 km. von der Mündung aufwärts hatte er Kolonien gekauft und übernahm die Anlage des öffentlichen Weges dorthin. Sein Bruder Hieronymus und sein Schwager Zog kamen bald nach. Sein Kirchweg war weit. Die Maria-Hilfskapelle in Ba-

Gattone celebrou a primeira missa. Os irmãos Schramm vieram de Gaspar e constituíram o coro da capela. Rüdiger, o conhecido músico do Garcia, apareceu com seus músicos.

Após a missa, seguiu a primeira procissão do pátio da igreja até o porto. Sebastião Zoz trazia a bandeira que trouxe da pátria e os "Badenser" entoaram suas costumeiras canções e orações. Para os poucos católicos de Blumenau isto foi um dia raro de alegria. Eles finalmente sentiram-se enraizados na nova pátria.

UM POUCO DA HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

"Crianças um dia tornam-se adultas", diz o ditado. Dois filhos de Joseph Vogel escolheram como companheiras as filhas de Sebastian Zoz; August casou com Bárbara, e Valentin com Anna. Os casamentos foram celebrados em Gaspar, o último em 02.12.1867.

Àquela época a primitiva capela de São Pedro, distante três quilômetros de Gaspar, foi substituída por uma espaçosa capela de madeira sobre o atual morro da igreja. Em 29 de junho de 1867, antes de sua transferência para Brusque, o padre Gattone a inaugurou. Ele vinha agora raramente a Gaspar e mais raramente ao Garcia. Por um curto período o substituiu o padre Zielinski.

No ano de 1879, August Sutter comprou um terreno no centro da cidade, no lado esquerdo da rua principal, que ia do porto até a igreja católica, talvez distante a 120 metros da colina da igreja. Um ano após, construiu ali a sua casa. Antes que começasse a mobiliá-la, porém, sobreveio repentinamente a trágica enchente. A mulher e os filhos estavam ocupados na casa, mas não podiam ali permanecer. Como muitos outros, encontraram alojamento junto ao padre Jacobs, na escola ou na igreja.

August Sutter estava ocupado na sua colônia no Garcia. Por causa da enchente ficou muito preocupado com seus familiares. À noite desceu o Garcia e foi até o centro da cidade, encontrando à frente de sua casa somente a parte superior do telhado fora da correnteza das águas. Então dirigiu-se à Igreja, e para sua alegre surpresa, sua mulher e filhos o receberam

denfurt war die nächste, etwa 18 km. entfernt, zum Stadtplatz kamen noch 10 km. hinzu.

Als 1875 P. Boegershausen den Bau der Bonifatiuskapelle an der Encanomündung anregte, bot er für sich und seine Verwandten Hilfe bereitwillig an. Und er hielt Wort.

In den Jahren 1897 und 98 wurden Kapelle und Schule in Indayal gebaut; hier half er mit durch kostenlose Holzlieferung.

Am 16. September 1876 traf der erste Pfarrer für Blumenau ein, P. Joseph Maria Jacobs. An Sonntagen fand nun in der Pfarrkirche, die am 24. Dez. 1876 eingeweiht worden war, regelmässig Gottesdienst statt. Vom oberen Encano waren bei gutem Wetter immer einige Vertreter der Familien in der Sonntagsmesse. Abends bei der Rückkehr mussten sie von der gehörten Predigt erzählen. Bei günstigem Mondschein gingen die heldenmütigen Kirchenbesucher in der Nacht von Hause weg. Zwischen 6 und 7 Uhr morgens trafen sie bei der Pfarrkirche ein Am Peterskanal wuschen sie ihre Füße und zogen die Schuhe an, wenn sie solche besaßen. Nach der ersten Messe besuchten sie das gastliche Haus des August Sutter auf, tranken Kaffee und assen Weissbrott, was man am Familientisch noch nicht kannte. Nach der letzten Messe wurden die, Schuhe wieder ausgezogen und die Rückreise angetreten. Gewöhnlich war ein Trupp sonntäglicher Kirchenbesucher zusammen. Die Familien Theis, Schwarz, Reuter, Loes, Metzger, Tillmann, Loewen und andere hatten auch die Gewohnheit, ihre Vertreter zur Pfarrkirche zu schicken.

Später besserten sich die Verhältnisse. Reitpferde und Mulas traten in den Dienst; als die Brücken fertig waren, bestiegen die Familien ihren Kolonistenwagen und fuhren zur Kirche. Einzelne, darunter Valentin Vogt, schafften sich sogar eine Kutsche an. Bei allen diesen guten Leuten blieb der Gebrauch unverändert, die schönste Sonntagserholung in der Teilnahme am Gottesdienst zu suchen.

Die Frau des Valentin Vogel und die des Heinrich Reuter gingen vom oberen Encano zu Fuss nach Blumenau und brachten jede ihr Kind zur Taufe. Sie hatten die Taufpaten auf Samstag Mittag zur Pfarrkirche bestellt., weil dann der Pfarrer am sichersten zu treffen war. Abends waren sie wieder zu Hause. Das sind Opfer, die in der gegenwärtigen Zeit bewundert werden, doch der Mut dazu ist nur noch im geringen Teil vorhanden.

August Vogel verliess mit seiner Familie, die zehn Kinder zählte, im März 1889 die Kolonie Blumenau und fuhr auf einem Segler in vier Tagen nach Rio de Janeiro. Der Baron de Capanema übergab ihm fruchtbare Ländereien auf der Ilha do Governador. Mit Vorteil betrieb er Gemüsebau. Aber das Fieber

na escadaria da mesma. Ele tinha que agora permanecer ali com eles e esperar pelo fim da inundação.

Sua casa de comércio foi posteriormente o ponto de encontro dos católicos que vinham para o centro da cidade. Muitos ensaios de hinos e reuniões ali se realizaram. Ele mesmo foi o ajudante de confiança do padre Jacobs até sua última doença. Faleceu em 02 de agosto de 1895.

Valentin Vogel mudou-se em 1869 para o alto rio Encano, comprou uma colônia que se localizava a 12 quilômetros da sua foz e comprometeu-se a construir até lá uma estrada pública. Seu irmão Hieronymus e seu cunhado Zoz logo vieram atrás. Seu caminho para ir à igreja era longo. A capela de Santa Maria do Badenfurt era a mais próxima, distante cerca de 18 quilômetros, sendo que além disso, para chegar ao centro da cidade, havia mais 10 quilômetros.

Assim que em 1875 o padre Boegershausen sugeriu a construção da capela S. Bonifacius, ele prontamente ofereceu a sua ajuda e a da família. E manteve a palavra.

Em 16 de setembro de 1876 chegou o primeiro padre em Blumenau, o padre Joseph Maria Jacobs. Aos domingos freqüentemente se rezava missa na paróquia, inaugurada em 24.12.1876. Estando o tempo bom, sempre havia algum representante das famílias do Encano Alto na missa de domingo.

À noite, durante a volta, vinham conversando sobre a missa celebrada. Quando o tempo era bom, estes heróicos fiéis saíam de madrugada de casa. Entre as 6 e 7 horas da manhã chegavam à paróquia. Lavavam seus pés no Peterskanal e aí calçavam seus sapatos, quando os possuíam. Após a primeira missa, (...) na casa hospitaleira de August Sutter tomavam café e comiam pão branco, que a sua mesa de família ainda não conhecia. Depois da última missa tiravam novamente os sapatos e partiam para a viagem de volta as suas casas. Era muito agradável aos domingos estar junto de um grupo de fiéis. As famílias Theis, Schwarz, Reuter, Loes, Messger, Tillmann, Loewen e outras também tinham o costume de enviar alguns dos seus para a igreja.

Mais tarde suas condições melhoraram. Cavalos e mulas lhes serviam de montaria; quando as pontes ficaram prontas, as famílias subiam em suas carroças e iam para a igreja. Um deles, Valentin Vogel, comprou até uma zorra. Este costume de participar da missa como o melhor entretenimento dos domingos permaneceu inalterável.

warf fortwährend einzelne Glieder der Familie aufs Krankenbett, deshalb zog er 1892 zum hochgelegenen Petropolis. Die meisten Söhne und Töchter waren schon stark und gross, alle brave, brauchbare Menschen, die immer Beschäftigung fanden. So konnte August Vogel bald bei der Stadt auf dem Presidencia-berg sich ein Eigentum kaufen, Landwirtschaft im kleinen Stil betreiben und seinen Kindern eine gesicherte Zukunft verschaffen.

Der Schreiber dieser Zeilen hat 1897 die Familie dort kennen gelernt und sie besucht. Der schöne religiöse Geist aus dem badischen Heimasdorf war noch lebendig, auch rheinische Gesangeslust.

Die Mutter wurde in ihrem Alter von chronischen Leiden heimgesucht. Es lag aber nicht in ihrer Art zu klagen. Sie starb gottergeben 1908. Der Vater verlebte einen ruhigen Lebensabend bei seinen Kindern bis zu seinem Tode im Jahre 1917.

Einzelne von seinen Söhnen und Töchtern haben die Verbindung mit Blumenau und Encano Alto bis heute aufrecht erhalten. Sie kamen zu Besuch nach hier und die Ludwigskapelle am oberen Encano zählt sie zu ihren treuen, grossmütigen Wohltätern. Ein Sohn hat sich mit seiner Familie wieder bei Blumenau ansässig gemacht.

DIE KAPELLE ZUM H. LUDWIG IN ENCANO ALTO

Seit 1892 hatten die Franziskaner die Verwaltung der Pfarrei übernommen. Weil sie in Blumenau das Kolleg leiteten, standen für die sonntäglichen Gottesdienste genügend Patres zur Verfügung. Die Kapelle am unteren Encano bekam nun monatlich den Besuch des Priesters. Nach 6 Jahren erstand die Kapelle zur h. Agnes in Indayal, in der jeden Sonn und Feiertag die h. Messe celebriert wurde. Mittlerweile hatte sich die Encanostrasse 24 km weit in den Urwald hineingebohrt und war bewohnt und zwar in der grössten Mehrzahl von Katholiken. Valentin und Hieronymus Vogel, Zoz, Geissler, Metzger und andere kamen überein, dem Pfarrer den Bau einer Kapelle im Zentrum vorzuschlagen. Sie hatten Erfolg. Das Grundstück für das kleine Gotteshaus wurde abgemessen und vom Valentin Vogel geschenkt. Der Pfarrer liess einen hübschen Plan entwerfen, andere sammelten Gaben und stellten Arbeitskräfte. Lobenswerter Eifer brachte das Werk zustande und am Feste des Königs Ludwig, 25. August 1908 fand die Einweihung statt. Die Gründer waren jetzt schon be-

As esposas de Valentin Vogel e de Heinrich Reuter vinham a pé do Encano Alto até Blumenau para trazer suas crianças para o batismo. Os padrinhos eram encaminhados à igreja ao sábado de meio-dia, pois neste horário era mais seguro encontrarem o padre. À noite já estavam de volta. Hoje estes sacrifícios devem ser admirados, pois tanta coragem não acontece mais atualmente.

Em março de 1889, August Vogel e sua família, que então contava com 10 filhos, deixaram Blumenau e viajaram por 4 dias num barco rumo ao Rio de Janeiro. O Barão de Capanema lhes entregou frutíferas terras na ilha do Governador. Mas constantemente a febre fazia algum membro da família adoecer, e em 1892 mudaram-se para Petrópolis. A maioria dos filhos e filhas já estavam fortes e grandes, todos úteis e sempre ocupados com algo. Assim pôde August Sutter logo comprar uma propriedade na cidade, sobre o morro da Presidência, praticar uma modesta agricultura e proporcionar aos seus filhos um futuro mais seguro.

O escritor destas linhas conheceu e visitou a família em 1897. Ainda sobrevivia ali o espírito religioso existente em Baden, na velha pátria. Já com idade avançada a mãe foi tomada por crônicos sofrimentos. Mas não era de sua índole se queixar. Ela faleceu devotamente em 1908. O pai viveu sua velhice com seus filhos até a sua morte, no ano de 1917. Até hoje (1932) alguns de seus filhos e filhas mantêm contato com Blumenau e Encano Alto. Em suas visitas, tornaram-se fiéis benfeitores da Capela de S. Ludwig. Um filho, juntamente com sua família chegou até a morar novamente em Blumenau.

A CAPELA DE S. LUDWIG EM ENCANO ALTO

Desde 1892 os franciscanos tomaram a administração da paróquia de Blumenau. Como dirigiam o colégio em Blumenau, dispunham de padres o suficiente para as missas de domingo. A capela do Encano Baixo recebia mensalmente a visita do padre. Depois de 6 anos foi construída a capela de S. Agnes, em Indaial, na qual eram celebradas missas todos os domingos e feriados. Entretanto, a estrada do Encano alcançava 24 quilômetros mata a dentro, e era habitada principalmente por católicos. Valentin e Hieronymus Vogel, Zoz, Geissler, Messger e outros vieram propor ao padre a construção de uma capela no centro do Encano. E tiveram êxito.

tagte Familienväter. Sie freuten sich innig, dass sie und ihre Nachkommen ohne grosse Mühe monatlich einmal dem Sonntagsgottesdienst beiwohnen und die h. Sakramente empfangen konnten. Auch der Bau der Schule wurde geplant und ausgeführt.

Am 10. Mai 1909 starb der Hauptgründer Valentin Vogel. Die Gemeinde bereitete ihm die letzte Ruhestätte rechts vom Eingang der Kapelle. Alle Beter sollten sich seiner erinnern. Seine Frau lebte noch 18 Jahre, freute sich des religiösen Fortschrittes durch Kirche und Schule, sah täglich ihre Enkel am Unterrichte teilnehmen und war für alle Leute eine gütige und kluge Beraterin. Manchen Rosenkranz hat sie für die Ihrigen aufgeopfert, besonders für den Enkel, der den Priesterberuf im Franziskanerorden erwählt hatte. Sie hat ihn im seinem braunen Habit gesehen. Der Tod raffte sie hinweg am 6. Mai 1927. Am 24. Dezember 1930 erhielt ihr Enkel die Priesterweihe und am 1. Januar 1931 wurde er vom Hause der Grosseltern aus von der ganzen Gemeinde in feierlicher Prozession zur Ludwigskapelle geführt, woselbst er sein erstes Hochamt sang, Gott dankte und für seine Grosseltern, Eltern, Geschwister und Verwandten den reichsten Segen des Allerhöchsten erflehte.

Jetzt hat sich das Wort der Einleitung verwirklicht: "Der Segen Gottes strömt wie ein Fluss!" Der junge Priester verwaltet nun die Segensquellen des Heilandes für viele, besonders die Seinigen. Möge sein Gebet noch zahlreiche Ordens und Priesterberufe erwecken.

O terreno para a pequena igreja foi medido e cedido por Valentin Vogel. O padre esboçou uma bonita planta, outros colheram contribuições e colocaram sua mão-de-obra à disposição. O Sr. Eiser realizou a obra com louvor e em 25 de agosto de 1908, na festa do rei Ludwig, aconteceu a inauguração. Os mencionados fundadores agora já eram pais de família. Alegraram-se profundamente, pois podiam uma vez por mês, eles e seus descendentes, sem grandes incômodos, participar da missa e receber os sagrados sacramentos. Também foi planejada e construída uma escola.

Em 10 de maio de 1909 faleceu o principal fundador, Valentin Vogel. A comunidade reservou a ele um túmulo à direita da entrada da capela. Assim, todos os fiéis deveriam dele se lembrar. Sua esposa viveu ainda por 18 anos e alegrava-se com os progressos da igreja e da escola, vendo diariamente seus netos participarem das aulas. Era uma bondosa e séria conselheira para todos. Muitos rosários ela rezou em prol dos seus parentes, principalmente para seu neto, que havia escolhido ser padre da ordem franciscana. Ela chegou a vê-lo no seu hábito marron. A morte a levou em 06 de maio de 1927. Em 24 de dezembro de 1930 seu neto foi ordenado padre e em 01 de janeiro de 1931 comandou uma festiva procissão na comunidade, saindo da casa dos seus avós em direção à capela de S. Ludwig, onde ele mesmo cantou sua primeira missa, agradeceu a Deus e implorou aos seus avós, pais, irmãos e parentes a mais rica bênção do Ser Supremo. Assim, as palavras da introdução se concretizaram: "A bênção de Deus flui como um rio!". O jovem padre administrou o Evangelho do Salvador para muitos, principalmente para os seus. Sua oração pode ainda hoje despertar inúmeras vocações para o sacerdócio.

**Burocracia
&
Governo**

**Relatório à
Diretoria da
Colônia
Blumenau*
(29/3/1878)**

**FREDERICO
DEEKE****



Há cem anos passados o comandante da Guarda de Batedores do Mato na Colônia Blumenau, Frederico Deeke, apresentou ao seu diretor Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, o relatório que publicamos abaixo:

“Colônia Blumenau, 29 de março de 1878. A Exma. Direção da Colônia Blumenau. Referente à nossa última expedição em perseguição aos bugres, que no dia 24 de fevereiro do andante praticaram um assalto no Caminho dos Tiroleses, permito-me fazer as seguintes observações. Durante a primeira semana o meu empreendimento não progrediu satisfatoriamente, em parte devido aos fortes aguaceiros que ocorreram, como também pelo fato de terem os bugres, continuamente, mudado o curso de sua viagem, e ainda por terem diversos dos meus homens, quando simularam doenças, perdido o entusiasmo e a vontade de participar da excursão. Por isso me vi forçado à contingência de substituí-los, precisando

* Os “Relatórios” que Frederico Deeke dirigiu à Direção da Colônia Blumenau, foram os seguintes :

1) Relatório de Frederico Deeke à Diretoria da Colônia Blumenau, datado de 24.7.1877 - **Blumenau em Cadernos**, Tomo III, p. 48-49, sob o título “ Os Índios da Bacia do Itajaí”.

2) Relatório de Frederico Deeke à Diretoria da Colônia Blumenau, datado de 5.11.1877 - **Blumenau em Cadernos**, Tomo II, p. 61-66, sob o título “ Índigenas da bacia do Itajaí”.

3) Relatório de Frederico Deeke à Diretoria da Colônia Blumenau, datado de 29.3.1878:

** Artigo compilado e organizado por Niels Deeke.

sair à procura de outros indivíduos capacitados e assim somente na segunda semana teve início a excursão propriamente dita. Sabendo, eu, por experiência, que para haver alguma esperança de alcançar os bugres após qualquer de seus assaltos, não conviria segui-los imediatamente, em virtude de costumarem deixar um grupo na retaguarda a fim de observar os perseguidores e despistá-los, decidi entrar no mato somente após ultrapassar a moradia do último colono do Rio dos Cedros. Visei alcançá-los, por detrás das montanhas que constituem o divisor das águas do Rio Benedito, em direção norte, para depois desviar para oeste, pretendendo, desse modo, escapar às sentinelas dos bugres e aos engodos de seus rumos dissimulados, para assim barrar-lhes a fuga, na hipótese de que tivessem a audácia de acampar nas imediações da colônia. A excursão decorreu normalmente, embora adocessessem sucessivamente, em parte de maneira grave, três dos componentes da minha turma, os quais fui obrigado a deixar para trás com acompanhante, ficando comigo apenas um grupo de doze homens. Depois de quatro dias de marcha, encontrei uma pista - um lugar onde os bugres, possivelmente cerca de três semanas antes, abateram uma anta, carregando a carne em direção norte. Supus que tal rastro iria levar-me ao acampamento geral. Depois de segui-los durante dois dias, cheguei a um de seus acampamentos de verão, semelhante a outro que há pouco tempo descobri no Itapocu. Os bugres, segundo os vestígios, já haviam abandonado este acampamento antes do assalto, depois de prolongada permanência no mesmo, e isto era possível constatar pelos indícios. O grupo maior seguiu em direção oeste, porém haveria uma facção menor, que tomou o rumo no sentido sul, enveredando através das montanhas, e foi provavelmente este último o "bando" que praticou o assalto. O mencionado acampamento de verão, era constituído de dois ranchos arqueados, recobertos de palmeiras, cujo alojamento poderia ser calculado para conter cerca de quarenta pessoas em cada um dos abrigos. Nestes ranchos encontrei nove gamelas de bordas altas e retas e ao lado de uma delas havia um socador de pau além de montões de cascas quebradas de coquinhos e pequena quantidade de ossos, parecendo que comeram pouca carne por todo aquele tempo, pois a caça é realmente escassa naquela região. A vegetação local é de faxinal. Pinheiros e palmeiras aparecem só nas partes mais úmidas, havendo vastas regiões de

planaltos, com terra pobre, barrenta e turfosa. A seis ou oito palmos no subsolo já ocorrem camadas de rocha xistosa. Os paredões das serras circunvizinhas são de Pedra Lioz (Tonschiefer - : Lioz -diz-se de pedra calcária branca e dura usada em cantaria, estatuária, etc.) nas regiões montanhosas ; nas colinas, a terra é melhor e há diversas madeiras boas, e por vezes encontrei canelas de grande espessura. Os bugres, ao que me pareceu, durante a sua estada no acampamento alimentaram-se quase que exclusivamente de cocos, tendo derrubado quase todos os coqueirais (Jerivás) dos arredores. Pelas minhas observações pude constatar que não só aproveitaram os frutos e a parte comestível das palmas, ou seja os colmos de palmito, como também a seiva. Em quase todos os coqueiros derrubados havia orifícios abaixo da copa, nos quais podiam ser encontrados pauzinhos em forma de calha. Após saborearem a polpa, juntariam os coquinhos em pequenos montes, para, mais tarde quebrarem a casca com o socador. Havia brinquedos de criança, cestinhos e uma imitação de um pasto com cercado de bambuzinhos, no interior do qual idealizaram um curral redondo com um animal, reproduzido em xaxim, representando uma anta ou vaca. Partindo deste acampamento, seguia um terceiro caminho em direção oeste, pelo qual os bugres, presumivelmente, haviam chegado, e através do qual resolvi seguir. Pouco antes de atingirmos o dito acampamento, vimo-nos obrigados a nos desfazer da nossa bagagem, pela necessidade de, naquele ponto, deixar outro doente, que havia perfurado seu pé, pois não poderíamos transportá-lo adiante, tampouco levá-lo de volta. Como eu ainda mantivesse a esperança de encontrar os índios nas proximidades, mandei transportar somente os utensílios mais necessários, além de alimentos para três dias. Determinei a preparação de pão de farinha de mandioca e assados de churrascos, para adiante, a partir daquele ponto, não tornar a fazer fogo. A marcha prosseguiu com a maior cautela, sem a pronúncia de qualquer palavra ou produzir as tão costumeiras pancadas com o facão. A passagem foi forçada, cortando o mato com todo o cuidado, afastando, sem fazer ruído, os galhos caídos e barços que barravam o caminho, como aliás também já procedêramos nos dias precedentes. Apesar de toda nossa dissimulação, tive um “observador” que sutilmente permaneceu nos acompanhando, aliás, já vinha fazendo isso há dias. Não sei se o bugre nos descobriu pela fumaça

do nosso acampamento geral na retaguarda, ou se foi por mero acaso. Quando, após percorrermos um curto trecho em rumo errado, voltamos para trás, encontrei a picada fechada, entrelaçada com folhagem e taquaras, e outras vezes percebi a presença daquele bugre na nossa dianteira. Numa daquelas ocasiões, depois de ter preparado um acampamento para repouso noturno, ordenei a retirada daquele ponto – e retornando à picada, percebi que o bugre igualmente imitava os mesmos passos, movendo-se na mesma direção tomada pela minha turma. O “observador”, durante a noite, rondava o nosso pouso e na manhã seguinte podíamos percebê-lo novamente, quando tomava a nossa dianteira. A picada acusava sinais de demorado uso. Haviam pontes sobre pequenos alagados e nascentes, e nos troncos de árvores caídas sobre o caminho, escavaram degraus, talhados a machado, para evitar quedas. Depois do primeiro dia de marcha nessa picada, cruzei o caminho dos bugres que empreenderam o assalto. Partia do sul e seguia ao encontro da trilha da picada principal, em direção oeste. Era perceptível que andavam carregados a transportar pesada carga, e disto era uma indicação os contínuos locais de pouso. Neste caminho, inicialmente, encontrei um acampamento dos índios, de construção mais antiga, onde achei, num rancho mais afastado, quatro cestos e três vasilhas de barro para água. Pelas aparências podia-se supor que os habitantes deste rancho, o tivessem abandonado na pressa de uma fuga, talvez depois de uma luta com os ocupantes dos outros ranchos, pois estes últimos estavam intactos, havendo somente, abandonados, objetos sem valor, ao passo que o primeiro daqueles abrigos, encontrava-se danificado, contendo os cestos bem como as vasilhas de barro para água ainda na condição de novos. Depois de prosseguir por mais um dia de marcha, topei com outro acampamento – de construção recente, dotado de cinco ranchos, onde seria possível avaliar como sendo o número de trinta, para as pessoas, que talvez neles houvesse acampado. Como pouco antes encontrei uma pegada recente, além de ter ouvido o barulho de machados e também o som de uma voz humana, supus ali poder topar os bugres. Determinei que fossem cumpridos os procedimentos de aproximação sorrateira, porém demos com o acampamento abandonado e o fogo apagado. Os bugres teriam deixado este rancho há uns quatro ou cinco dias, e os ruídos que ouvimos certamente deveriam ter sido produ-

zidos por um elemento retardatário com a função de sentinela ou incumbido de enganar-nos. Neste rancho achei a dentadura de um cavalo e perto do fogo acumularam porções de pinhas e pinhões assados, mas estavam, quase todos, ainda imaturos. Como ao final daquela jornada estivesse escurecendo, mandei cobrir ditos ranchos com junco para neles pernoitar. Percorri ainda, em companhia de seis homens, durante mais duas horas o curso da picada, e após esta mudar o seu curso infletindo em sentido noroeste, cheguei a outro acampamento com quatro ranchos de pouso, bastante grandes, que entretanto eram antigos, porém com vestígios de ocupação recente. Neste acampamento encontrei os restos das roupas roubadas no ano passado dos tirolezes e um acendedor-isqueiro, de madeira seca, guardado dentro do vazio de um bambu, embaixo das vigas. Presumivelmente o dito rancho foi utilizado para pernoite de cerca de cinco homens, há passadas duas noites, como demonstravam os lugares em que fizeram suas dormidas. Suponho que se tratasse do contingente de retaguarda dos assaltantes. As pegadas eram frescas e ainda não tinham sido desfeitas pelas chuvas e através do formato e tamanho de uma destas, poder-se-ia avaliar que foram produzidas pelo pé de um menino de apenas doze anos de idade. Daquele ponto retornei. Um de meus homens me havia confiado que, naquele dia, tinham, os seis pedestres da guarda remanescentes, combinado entre si, que, adiante, categoricamente não me acompanhariam no caso de eu decidir prosseguir a excursão até encontrar o acampamento geral dos índios, pois o nosso diminuto grupo não estava constituído do número suficiente, em homens, para um empreendimento de tamanha envergadura. Apesar de não ter sido este o motivo que me levou a desistir, tomei tal decisão considerando também a vontade dos meus acompanhantes. Os doentes que deixáramos em diferentes pontos, com somente um único homem para a sua defesa, precisavam de cuidados e eu não poderia expô-los à tão longa ausência, além do mais as nossas reservas alimentícias estavam esgotadas, só havendo muito pouco feijão, farinha de mandioca e café, e assim resolvi iniciar o retorno no dia seguinte. Durante a noite ouvimos o rumor de passos e outros ruídos provindos de várias direções em aproximação do rancho. Lépidos saltamos com as armas em punho para fora do abrigo, porém com isso cessaram os ruídos. Tão logo regressados ao rancho ini-

ciamos conversação, repetiu-se a nítida percepção da aproximação de cautelosas passadas, mas ao nos quedarmos em profundo silêncio, o mesmo repetiu-se lá fora. Finalmente os silvícolas se convenceram de nossa vigilância e as passadas humanas se afastaram, tomando direções variadas. Não posso estimar se pretenderam, exclusivamente, observar-nos ou se eram os componentes da retaguarda do bando de bugres assaltantes, que pretendendo juntar-se ao seu grupo maior, ultrapassando-nos durante a noite, viram-se isolados entre si pela interposição de nossa turma de batedores no seu caminho. Durante o retorno, percorri ainda outras picadas, alcançando também um acampamento abandonado que certamente ocuparam durante o verão. Toda a região estava costurada por vasta trama de picadas, cuja malha seguia, invariavelmente, em direção oeste. Da mesma forma como sempre ocorreu anteriormente, o que muito tornou a dificultar esta minha expedição, foi a falta de barracas, porque na mata de faxinal não há folhagens para recobrir um rancho. Estivemos sujeitos a muitas aflições, suportando a exposição direta às chuvas que caíram todas as noites, fazendo com que nossas roupas permanecessem continuamente encharcadas. Embora meu firme propósito fosse o de não tornar a acender fogo, fui, a vista das circunstâncias, compelido a autorizar que ateassem uma fogueira para enxugar as vestimentas. Além da tenda indispensável, tornar-se-ia necessária para o último avanço, até próximo do acampamento geral dos índios, uma pequena reserva de gêneros alimentícios que não precisassem ser cozidos, como pães em conserva, lingüiças defumadas e um pouco de cachaça, pois uma fogueira prontamente denunciaria a nossa presença aos índios. Igualmente o delimitado prazo de um mês é muito exíguo para a conclusão de semelhante tarefa, além do número de dezesseis homens, compondo um contingente de batedores, ser, com toda certeza, insuficiente para o sucesso de um empreendimento com tal finalidade. Será necessário levar em conta que geralmente acontecem casos de alguns homens ficarem doentes, os quais por sua vez necessitam serem deixados para trás, acompanhados de um coadjuvante. Numa última etapa expedicionária, antes de chegar-se às proximidades do acampamento geral dos bugres, a bagagem deverá ser abandonada e deixada com a devida guarda, para que não venha a cair nas mãos dos bugres. Na minha opinião, calculo que o sítio do acampa-

mento principal, deva localizar-se entre as bacias do Benedito, Rio Preto e Itajaí do Norte, pois as picadas que vi nesta empreitada, como também as da região serrana, todas estão igualmente conformes com o que me disse o “Jeremia Gonçalves”, rumando todas naquela direção, sinalizando portanto para a citada região. A continuidade da excursão ter-me-ia, sem dúvida, levado às proximidades do acampamento central dos selvagens. Os bugres, como receassem que alcançássemos o assim considerado pouso grande, isto presumo eu, improvisaram um assalto na Itoupava, para despistar-nos da região do Benedito. É minha opinião que, caso se pretenda tomar medidas eficientes contra os bugres, será necessária a construção de um caminho, com desfiladeiro para mulas de carga, a fim de galgar o alto divisor das águas que confronta com o Rio Preto, possibilitando desta forma o transporte, a qualquer hora, num desses assaltos, de gêneros para a manutenção de um maior grupo de homens. A via, mediante tal desfiladeiro, por sua vez encurtaria o tempo que demanda o transporte e com isto o gasto de gêneros, pois a movimentação da bagagem pelas picadas existentes levaria meses, e por um varadouro adequado em poucos dias seria alcançada toda a região. O custo de tal vereda que avançasse até vinte mil braças mata a dentro (2,20 metros x 20.000 = 44 km), incluindo a despesa com pequenos pontilhões etc., como a construção de ranchos seguros, distantes um do outro pela jornada de um dia de viagem com mula de carga, montaria num dispêndio, para realização de tal empreendimento, valor que eu orçaria em três contos. Uma expedição com a duração de dois meses, aprovionada com trinta homens, inclusive transporte e aquisição de mantimentos, calculo eu, absorveria cinco contos.

Colônia Blumenau, 29.3.1878.

Assinado : Frederico Deeke.

O Integralismo no Vale do Itajaí

Texto:

*SIEGFRIED
CARLOS
WAHLE**



Os habitantes alemães de Blumenau e muitos dos seus descendentes, em primeira geração, não conseguiam esquecer-se de suas raízes. Foi o Pangermanismo antes da primeira guerra mundial que, com o apoio do jornal “Der Urwaldsbote” através de seu proprietário e do redator chefe procurava influenciar os alemães e seus descendentes¹.

Este movimento causou muitos dissabores e antipatias junto aos demais habitantes. O movimento do pangermanismo foi extinto pelas autoridades brasileiras durante a primeira guerra mundial.

Mais tarde, com o aparecimento de partidos nacionalistas e totalitários na Alemanha, projetou-se o NSDAP (nazista). Era um partido de atividades violentas, chegando a usar armas de fogo.

A Rússia foi dominada pelo partido comunista, não só violento como sanguinário.

Na Itália o partido fascista tomou conta do governo de cunho totalitário.

Quando o presidente da Alemanha, von Hindenburg, elevou o chefe do NSDAP a chanceler, este partido em pouco tempo dominou a política alemã.

Em todo o mundo, onde havia alemães e descendente de alemães, houve simpatias pelos nazistas. Em Blumenau não foi diferente. Fundou-se o partido nazista, chefiado pelo Sr. Nietzsche, dono de uma papelaria e gráfica. E em breve este

*) Colaborador da Revista “Blumenau em Cadernos”.

¹ WAHLE, S.C. Carl Wahle: um nome ligado à história de Blumenau (I). Blumenau em Cadernos, Tomo XXXVI, Agosto de 1995 (8), p. 242-244.

partido começou a se tornar incômodo. Praticava ameaças veladas e ameaças reais².

O sucesso inicial na Alemanha, alargou as simpatias em todo o mundo pelo partido nazista.

Na Rússia dominava o partido comunista, fundado por Lênin e depois chefiado por Joseph Stalin. Este partido custou à Rússia 40 milhões de vítimas. Na Itália o partido fascista no poder, com Benito Mussolini, seu fundador, atirou-se em guerras de conquistas. Dominou a Etiópia e a Eritreia, e em outras aventuras deu-se mal.

Acontece que estes partidos obedecem a uma doutrina totalitarista e os chefes dos partidos totalitários não possuem características de liderança e o seu carisma é negativo.

No Brasil apareceu Plínio Salgado, fundando o partido integralista chamado também de camisas verdes, pela cor das camisas, com um símbolo representando a letra grega Σ (sigma), que em matemática quer dizer somatório. No dicionário Caldas Aulete encontramos a definição para a revolução como um funesto somatório de revoltas e motins, de violências e extermínios. O partido integralista teve uma grande aceitação pela simpatia oculta que os seus militantes tinham para com o nazismo.

Em Blumenau foi fundador Alberto Stein, juntamente com José Ferreira da Silva e Érico Müller. O afluxo de blumenauenses ao partido integralista teve como causa a disfarçada simpatia por ser um partido totalitário. Embora o integralismo fosse uma organização com atrativos, era uma organização paramilitar, pois possuía uma hierarquia e organização de milícia, diretamente subordinada ao chefe nacional, Plínio Salgado. Nesta organização não constava a existência da polícia interna do integralismo. Os responsáveis destas polícias estavam diretamente subordinados ao chefe nacional, através de militantes intermediários.

Certa ocasião Carl Wahle foi visitado por um ex-aluno, um cidadão de classe média, explicando como funcionava a polícia integralista de Blumenau, da qual ele era o responsável, que entre outras atividades fichava todos os cidadãos suspeitos e aqueles que eram contrários à A.I.B. (Ação Integralista Brasileira). Explicou que era um cargo que nem

² WAHLE, S. C. Sem Novidade na frente. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXV, Maio de 1994 (5), p. 156-157.

a cúpula integralista de Blumenau tinha conhecimento. Dado o relacionamento que tinha com Carl Wahle, pediu-lhe que fizesse segredo desta conversa. Ofereceu-se ainda a mostrar a ficha de Carl Wahle, que ele agradeceu e pediu-lhe que não mais voltasse ao assunto. A fotografia de uma ficha de um cidadão do Rio Grande do Sul, encontra-se publicada no livro “Integralismo , o fascismo brasileiro na década de 30” de autoria de Helgio Trindade, baseado em sua tese de doutoramento defendida em 1971, na Sorbonne, Universidade de Paris³.

Num congresso integralista realizado em Blumenau (1935) desfilaram cerca de 42.000 militantes. Foram trazidos militantes de todos os distritos. Hum mil e oitocentas mulheres integralistas devidamente fardadas reuniram-se em Blumenau formando um sigma em homenagem ao chefe nacional. Também existia, em Blumenau, uma juventude integralista (plinianos) do mesmo estilo da juventude hitlerista⁴.

Nas primeiras eleições municipais, durante a existência integralista, foi eleito Alberto Stein como Prefeito Municipal e José Ferreira da Silva como vereador, que por indicação de Alberto Stein, foi eleito Presidente da Câmara de Vereadores.

Na época, os integralistas fizeram circular uma fotografia para efeito promocional, tendo Alberto Stein ao centro , ladeado por José Ferreira da Silva e por Érico Müller, devidamente uniformizados com a camisa verde decorada com o Σ (sigma).

A prova evidente de que o integralismo tinha intenção de usar a força está na “intentona integralista” (assalto armado ao Palácio Guanabara) em 11/5/38. Segundo participantes que eu conheci pessoalmente mais tarde, este assalto vinha sendo preparado havia algum tempo.

O fracasso da intentona integralista gerou a perseguição ao integralismo pelo “ Estado Novo ” de Getúlio Vargas. Os principais chefes foram presos e exilados. Muitos, porém, rapidamente trocaram de camisa, e os que antes eram integralistas passaram a ser adeptos do Estado Novo. Em Blumenau também não foi diferente. Enquanto Alberto Stein perdeu a prefeitura, José Ferreira da Silva a ganhou.

³ TRINDADE, Helgio. Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo, Ed. Difel, 1979.

⁴ Idem, *ibidem*.



Gerda Heuer Cipriani aos 5 anos de idade (1934),
com uniforme integralista

Em todo o Brasil foram destruídos os arquivos da polícia interna integralista. Alguns arquivos entretanto caíram nas mãos da polícia do Estado Novo.

Depois da intentona integralista, Carl Wahle foi procurado novamente pelo ex-aluno informando que todo o arquivo da polícia integralista de Blumenau fora totalmente destruído. Assim, ninguém ficou sabendo da existência desta polícia, e Carl Wahle nunca fez qualquer referência sobre esta pessoa, exceto a mim, porém o nome deste ex-aluno ele o levou para a sepultura.

Carl Wahle, um dia foi procurado por José Ferreira da Silva e disse-lhe que esta aventura integralista não passara de um movimento político imaturo. Entretanto admirava aqueles que assumiam o passado e reconheciam o erro e, que era melhor estar com o Estado Novo do que com o integralismo. O relacionamento entre Carl Wahle e José Ferreira da Silva nada sofrera.

Em 1947, um vereador do Rio de Janeiro, tentou fazer uma defesa do integralismo, rebatendo as acusações do vereador Carlos Lacerda. Embora esta defesa tenha sido publicada, não foi tomada muito a sério⁵.

⁵ SILVA, Jayme Ferreira da. A Verdade sobre o Integralismo. São Paulo, Edições GRD, 1996.

Artigos

NO "GASPARE"

Carta de
João Schramm
(1911)

Tradução:

FREI ELZEÁRIO
DESCHAMPS
SCHMITT, OFM*

Entre os vários Centenários que vai trazer consigo o ano 2000, Gaspar também vai evocar o da centenária fixação definitiva dos franciscanos na paróquia de São Pedro Apóstolo, presença contínua que assinala seu histórico início no dia 17 de setembro de 1900, festa das Chagas de São Francisco.

A tão memorável ensejo, cogita-se a publicação duma pequena monografia, que enfoque a presença da Igreja nesta parte do Vale do Itajaí desde o início de sua colonização: a gênese de Gaspar como comunidade religiosa e o seu desdobramento até nossos dias. Serão tópicos esparsos, colhidos na melhor fonte, que é a fonte local: o importante arquivo dos próprios fiéis franciscanos.

Existe, entretanto, um documento, que, devido a seu interesse maior para o lugar e para a Igreja, e em obediência a expectativa dos que sabem de sua existência, pede publicação antecipada.

Trata-se de uma carta, escrita em 1911, em Gaspar, por João Schramm, 63 anos depois que seu pai, Frederico Guilherme Schramm, tinha deixado a Alemanha, vindo diretamente para Gaspar com toda a sua família, em 1848. Aqui tornou-se o patriarca duma grande estirpe de descendentes e líder incontestado da incipiente comunidade católica. Escrita como uma espécie de testamento para os filhos e os netos, a carta de João Schramm não entra em detalhes sobre dados históricos mais exatos, geralmente procurados pelos historiadores como: datas, localização

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

exata do teatro dos acontecimentos e seqüências cronológicas. É a narração solta de um homem simples, o que aumenta a valiosa espontaneidade deste documento familiar, escrito à luz do lampião, com o calor de uma testemunha ocular da história. Era intenção do autor deixar para os seus um exemplo escrito e vivo do que esses pioneiros da fé e fundadores da comunidade por ela fizeram, não apenas no plano religioso, o que não seria tudo, mas igualmente no campo ainda virgem da sua organização social, há exatamente 150 anos atrás.

Escrita sobre papel almaço pautado, usando o velho alfabeto gótico alemão, com ortografia e sintaxe nem sempre corretas, a carta, em seu original amarelecido de 86 anos, tem 13 páginas, costuradas. A tradução para o português de um texto sob vários aspectos difícil, respeita as repetições do autor e procura colocar ordem na sintaxe por vezes emaranhada do documento, que constitui modelar exemplo para os de hoje e os de amanhã, alguns deles esquecidos de sua raiz e do seu chão. A nota mais marcante na carta é a dedicação do seu autor aos interesses da comunidade. É a mesma nota que assinala a vida de todos os velhos patriarcas e das matronas veneráveis, que em Gaspar lançaram os fundamentos sólidos da organização familiar que procura resistir aos vendavais que sopram sobre os telhados.

A CHEGADA E OS PRIMEIROS CONTATOS

Descrição da viagem de meu pai Frederico Guilherme Schramm e de sua família da Alemanha.

Nós viajamos no dia 5 de agosto de 1848 da nossa casa, que ficava em Kemperdik, até Antuérpia, de trem, durante um dia. Ficamos lá uns cinco ou seis dias. Havia à espera um grande navio de 3 mastros, no qual embarcamos.

Éramos 10 pessoas. Pai, mãe, e cinco filhos: Germano José, Francisco Bernardo, Liselotte, João e Amália Schramm; o irmão do pai, Ludovico Schramm, com duas sobrinhas: Lisseta e Gertrudes Kemperdik. Havia ainda uma outra família, de sobrenome Korf, com mulher e duas crianças, mais quatro jovens solteiros. A tripulação era de 18 homens, o capitão chamava-se Petersen. Não sei como se chamavam os outros. Zar-

paramos de Antuérpia no dia 11 de agosto, pelo Canal da Mancha. Levamos 14 dias até alcançarmos o alto mar, tendo passado por uma tempestade que durou 24 horas. Em alto mar fomos mais felizes: não tivemos mais tempestades até o Rio de Janeiro. Passamos sete semanas no mar. Chegamos ao Rio de Janeiro no dia 19 de outubro, aniversário do Imperador, que se chamava Pedro de Alcântara¹. Ficamos mais ou menos treze dias no navio alemão, até que um brigue nos trouxe para Santa Catarina. Levamos dois dias e três noites do Rio até Santa Catarina, onde chegamos às 3 horas da madrugada. Havia ali um cônsul da Alemanha, na pessoa de um russo, que muito nos ajudou, pois não precisamos pagar alfândega. Chegamos a Santa Catarina no dia 1º de novembro². Alugamos uma casa, morando então durante cinco ou seis semanas em Santa Catarina. Foi durante esse tempo que o pai e a mãe viajaram para Itajaí num pequeno barco à vela. É que naquele tempo ainda não havia tantos navios como hoje. De lá, meus pais navegaram rio Itajaí acima até Velha, onde residia Fernando Hackradt, um companheiro do Dr. Blumenau. Naquele tempo ainda não existia a cidade de Blumenau, e durante dois anos e meio era mata virgem, até Pedro Wagner³. Meus pais não encontraram o Dr. Blumenau. É que em Antuérpia um armador nos indicara como colonos, o que fazia de nós os primeiros colonos à disposição do Dr. Blumenau. Este havia viajado para a Alemanha. Isto obrigou meus pais a se contentarem provisoriamente com outra solução.

Assim foi a chegada de meu pai e minha mãe. O pai chamava-se Frederico Guilherme Schramm, e minha mãe chamava-se Gertrudes Schramm, nascida Kemperdik. Chegaram com a Família a "Gaspare" no dia 28 de dezembro de 1848. Enquanto o Dr. Blumenau permanecia na Alemanha, meus pais adquiriram uma colônia aqui em baixo no "Gaspare", cedida por um alemão de nome João Kerbach.

¹ *Nota do tradutor (N.T.)* - Não era o aniversário do Imperador. Dom Pedro II nasceu na madrugada do dia 2 de dezembro de 1825. O autor da carta confunde o dia do padroeiro do Brasil Império, São Pedro de Alcântara, 19 de outubro, com o nome do Imperador, Pedro de Alcântara, filho de Dom Pedro I.

² *N.T.* - Quando a carta diz "Santa Catarina", entende a capital da então Província: Desterro.

³ *N.T.* - Casa de Pedro Wagner.

A ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA COMUNIDADE CATÓLICA

Quando morávamos aqui mais ou menos umas três ou quatro semanas, o pai e a mãe foram visitar os alemães antigos. Conversaram sobre umas e outras coisas, e quando meu pai perguntou se aos domingos eles se reuniam para o culto, responderam que não tinham igreja, nem livros de reza. Meu pai disse que com livros ele podia ajudar e que se procurasse uma casa, até que fosse possível construir uma capela. Encontramos ali três casas, onde fazíamos nossas devoções em domingos e dias de festa. A primeira casa foi a do João Klocker; a segunda, de Nicolau Rausch; a terceira, de Nicolau Deschamps. Assim fazíamos nossas rezas. Isto continuou sossegadamente durante algum tempo. Então aconteceram umas coisas aqui e ali que não foram do nosso agrado. Aí meu pai disse que não podíamos continuar assim: "Nós queremos construir uma capela! Quem vai nos dar o terreno?" Logo recebemos a oferta de quatro lugares. Então meu pai disse que era preciso fazer uma escolha, por votação. O terreno que recebesse mais votos seria o escolhido. Os doadores potenciais eram João Kloecker, Nicolau Rausch, Valentim Theiss e Nicolau Deschamps. Marcamos o dia da votação. Foram convidados todos os moradores, desde Pedro Wagner até embaixo no "Real"⁴, e até mais longe – não sei mais. Marcada a data, certo domingo, aqui em cima, na propriedade do João Klocker, apareceram os alemães, os brasileiros e os belgas. A escolha caiu sobre o terreno do João Klocker, onde reside hoje o Pedro Mueller. Todos concordaram que aquele deveria ser o lugar. Mas a escolha não agradou a certo colono, que morava em frente.

Construímos uma capela em honra de São Pedro. Todo domingo e dia santo ali nos reuníamos para o culto, e na esperança de que viesse um padre para atender-nos. Veio o padre Francisco de Itajaí, algumas vezes. Isto é, ele subia cada três ou quatro meses para celebrar missa, fazer casamentos e batizados, ouvindo confissões em casa do Nicolau Deschamps. Quando a capela ficou pronta, veio o padre Francisco certa manhã e ouviu um sino. Perguntou o que era aquilo. Responderam-lhe que o Klocker estava tocando as Ave-Marias. Ele não disse nada. Fez um homem conduzi-lo à terra e celebrou missa. Isto durou uns anos. Depois,

⁴ N.T. - Arraial, afluente do Itajaí.

meu pai escreveu ao padre Boergenshausen de "João Villa"⁵, que ali se encontrava não fazia muito tempo que ele viesse visitar-nos, pois aqui no Brasil nós ainda não tínhamos visto nenhum padre alemão. O padre Boergenshausen apareceu aqui inesperadamente no "Gaspare" certo dia, às três horas da madrugada. Mas não havia paramentos para a missa. Por isso precisamos ir até Itajaí buscar, e realmente trouxemos. Eu e um outro fomos mandados, e nós trouxemos os paramentos. Este foi o primeiro padre alemão que apareceu entre nós.

PRECÁRIO ATENDIMENTO RELIGIOSO

Daí em diante, vinha visitar-nos algumas vezes um padre português, mas o padre Boegershausen também, até que este nos mandou vir o padre Gattone. O padre Alberto (Francisco) Gattone chegou ao "Gaspare" em fevereiro do ano de 1859/1860. Como nós ainda não tínhamos os paramentos para a celebração da santa missa, nós o conduzimos na véspera até Itajaí, onde ele celebrou missa no domingo de carnaval. Na quarta-feira de cinzas ele celebrou em nossa capela perto do Pedro Mueller. Daí em diante sempre, até que o padre Gattone se mudou para Brusque. Ficou entre nos uns 5 ou 6 anos. A partir daí ficamos novamente sem padre. Algumas vezes tivemos a visita do padre Roemer de Blumenau, como também de alguns missionários do Rio Grande do Sul. Veio então o padre Zelinski, que ficou entre nós uns 2 ou 3 anos. Depois, vieram novamente alguns missionários, mais o padre Vendelino Lock e um italiano, cujo nome esqueci. Este veio duas vezes. Apareceram também um padre russo e um italiano. Esqueci os nomes. Algumas vezes veio o padre Mertens, um holandês. Depois, um franciscano, de Itajaí. Também de Itajaí, vinha o padre João, junto com o padre Boegershausen. Um padre da Serra vinha também algumas vezes e mais um italiano, de quem não sei o nome. Depois, veio assistir-nos o padre Manoel de Itajaí. Finalmente, chegou o padre Matz. Este ficou entre nos até o fim, durante uns 16 anos, até que Deus o chamou. Que este bom Deus lhe dê o eterno des-

⁵ N.T. - Joinville.

canso, e a luz perpétua o ilumina. Por fim, vieram os padres franciscanos, que até agora continuam entre nós. Espero eu que fiquem ainda durante muito tempo. Mas seja como o bom Deus quiser. São muitos, mas não sei todos os nomes. Sei como se chamavam alguns deles, e quero dizer-lhes o nome: Frei Burcardo, frei Cleto, frei Zeno, frei Osmundo, frei Herculanho, frei Nicolau, frei Solano, frei Ciríaco, frei Pedro⁶, frei Rogério e outros mais de quem esqueci os nomes. Conceda o bom Deus que continue em entre nós ainda durante bastante tempo.

PREOCUPAÇÕES E PROBLEMAS

Agora quero escrever mais como as coisas a nosso respeito começaram e terminaram. Quando já nos encontrávamos aqui alguns anos, o Dr. Blumenau começou a colonizar. Durante uns 5 anos, ele nos impôs a incômoda tarefa de toda noite, darmos pousada a dezenas de pessoas, até que não suportamos mais. Meu pai ainda tinha mais ou menos seis contos de réis em ouro, talvez mais, quando começou essa história com o Dr. Blumenau. Posso confessar toda a verdade: nós trabalhávamos dia e noite, e sei o que passamos.

Veio o padre Gattone, o que nos obrigou a pensar na fundação duma comunidade ou paróquia. Aí entramos nós com o serviço, meu pai e meu irmão Francisco. Não sei quantas viagens meu irmão precisou fazer até "Santa Catarina"⁷, para que fosse criada a freguesia. Não era como hoje⁸. Viajava-se durante quatro ou cinco anos por terra até "Santa Catarina". Por isso, nós sofremos muito. Eram nossas despesas de sustento, e o pouco caso que de nós faziam tantas pessoas estranhas. Mas, em paga dos nossos esforços pelo bem comum, nós vimos mais tarde como foram tratados os meus pais, meu irmão e outros da família, até a minha insignificante pessoa. Sobretudo meus queridos pais, que não tiveram paz nem na sepultura. Até bons católicos queriam mexer na propriedade. Arranca-

⁶ N.T. - Pedro Sinzig.

⁷ N.T. - Desterro, a capital.

⁸ N.T. - Isto é, 1911.

ram o pequeno cercado, violaram a sepultura de meus pais. Posso dizer que a pisaram com os pés. Foi esta a gratidão pelo que meus pais e nós todos pagamos com sacrifícios. Dói-nos bastante a todos nós. O que de infame se fez contra meus queridos pais continua um pesar para mim mesmo, meus filhos e todos os familiares. Não foram os protestantes que assim procederam, mas foram os bons católicos, ou que pelo menos o queriam ser.

Agora tínhamos um vigário. Era uma preocupação a mais. Foi novamente meu pai que se interessou. Aconteceu que o terreno, onde hoje se encontram a igreja e a freguesia, estava à venda, e o homem o ofereceu a meu pai, mas perguntou o que pretendíamos fazer com tanta terra. Meu pai pediu ao Dr. Blumenau que comprasse a terra, pois o Bento Dias queria vender. O Dr. Blumenau respondeu que ainda não sabia, mas que ia ver. Depois de algum tempo o Dr. desceu até nos e comprou o terreno por um conto de réis. Aí, meu pai lhe disse:

- Doutor, agora o senhor precisa dar-nos um pedaço para construirmos uma igreja.

- Pois eu vou ver. Mas então eu também preciso reservar um terreno para nós.

Ele era protestante. Meu pai respondeu:

- Sem dúvida: isto o senhor pode fazer, pois ainda existe muito espaço próprio.

- Está bem - respondeu Blumenau - quando eu descer outra vez, nós vamos escolher o lugar para a igreja. Faça abrir uma picada.

Foi o que eu fiz. Quando o Dr. Blumenau voltou, foi com meu pai ver o lugar. Disse a meu pai:

- Dou-lhe este morro aqui até o rio para construírem a igreja.

Naquele tempo ainda não havia estrada por ali, isto eu posso confirmar com juramento, se for necessário. Deu-se também o espaço para a casa paroquial, que ainda lá se encontra. Quando o Dr. Blumenau e meu pai desciam do morro, disse o Dr. a meu pai:

- Meu desejo seria que a igreja fosse construída ao pé do morro, não por meu interesse, mas por causa das pessoas idosas; pois eu não sei se um dia elas vão poder subir até aqui.

A CRIAÇÃO DA FREGUESIA

Após havermos marcado o lugar em que iria ficar a igreja, meu pai e meu irmão Francisco pensaram na criação duma freguesia. Por isso meu irmão Francisco fez várias viagens a "Santa Catarina", até que conseguimos. Foi batizada de "São Pedro Apóstolo", que assim é hoje e será pela eternidade. Isto foi em 1861, penso eu, embora não tenha certeza. O padre Gattone já estava aqui fazia 1 ou 2 anos. Tivemos ainda um outro colaborador: João Perere⁹ era seu nome. Aí sofremos muito. Quando estiveram aqui o Ministro do Rio de Janeiro, o Presidente de Santa Catarina, o Chefe de Polícia, assim como outros de quem não sei mais os nomes, aí nós nos sacrificamos, não para obter lucros, nem grande nome ou honras. Não. Meu pai e o irmão só estavam interessados no bem comum, e disto deram prova. Mas o bom Deus, até os dias de hoje, não deixou meus pais, seus filhos e netos passarem fome ou andarem nus pela vida. Ao bom Deus, a nossa querida santa Mãe Maria e a São José, a nossa gratidão.

RELIGIÃO E MÚSICA

Vou contar agora como aconteceram as coisas com nossa cantoria de igreja. Tínhamos capela, e todo domingo e dia santo fazíamos nosso culto. Disse meu pai: "Agora podemos misturar cânticos sacros com rezas!"

Todo mundo achou bom, e assim fizemos. Na Festa do Corpo de Deus também fazíamos procissão com 4 altares, até mesmo sem padre, antes de termos um. Mais tarde meu pai começou a cuidar para que tivéssemos um bom canto na igreja: introduzimos corais a 4 vozes, missas em latim e alemão. Tivemos vários maestros de música sacra. O primeiro deles foi o professor Ostermann, de Blumenau, quando começamos a ensaiar as primeiras músicas em latim. Depois veio Nicolau Malburg, também professor, com quem tentamos as primeiras missas em alemão e la-

⁹ N.T. - João Pereira.

tim, além de outros cânticos. Veio então o professor Heuer, que nos fez conhecer outras músicas sacras. Veio Guilherme Hautz, outro ótimo professor de música. Em seguida apareceu Durskin, um polonês, que entre outras músicas nos fez cantar a ladainha de Nossa Senhora em latim. Com Nicolau Malburg ensaiamos um "Magnificat" a 3 vozes, mais uma outra missa a 4 vozes. Por fim, veio Germano Ruediger, que nos fez conhecer várias outras músicas e outras missas em latim. Quando da inauguração da nossa igreja, ele se mostrou particularmente esforçado para que fizéssemos boa figura. Daí em diante, o entusiasmo foi esmorecendo pouco a pouco. Alguns cantores faleceram, outros se retiraram, outros foram excluídos, o que aconteceu comigo. Tais coisas aconteceram a meu querido pai, ao irmão e a nós todos em passados tempos: calúnias e mentiras, sobretudo da parte dos bons católicos, como se dizia, e não por parte de membros de outras religiões ou de brasileiros. Não! As coisas vinham dos próprios conterrâneos, com o ciúme e a falsidade de alguns. Queira o bom Deus perdoar-lhes, como de todo coração lhes perdôo.

DESCULPAS

Agora quero desistir de me queixar e resmungar. Se a minha escrita é imperfeita, não me leve a mal quem chegar a ler estas coisas. Quando na Alemanha eu ia a escola, entre os meus 5 a 10 anos, era um dos melhores estudantes em leitura, escrita e contas. Mas quando viemos para o Brasil morar no mato, aí tudo acabou. Nos primeiros anos a gente ainda se defendia mais ou menos. Mas depois de 4 ou 5 anos vieram as caçadas e as pescarias, e meu pai já não me puxava pelas orelhas para aconselhar-me leitura e escrita. Quando completei 18 anos, tive vontade de ler e escrever novamente, mas então eu quase já não conhecia mais o alfabeto. Tive raiva de mim mesmo. Aí meus pais acharam um professor primário de Colônia, que se chamava Teodoro Mattler. Este me ajudou para que reaprendesse outra vez alguma coisa. Mas já não era como antes. Depois dos 40 anos, tinta e caneta já não me eram familiares. Tinta, somente quando precisava assinar o nome. Fora disso escrevia tudo somente a lápis. Passados mais 9 ou 10 anos, comecei a usar a caneta outra vez. Naturalmente isto precisa funcionar de novo. Mas qualquer pessoa

vê que a letra não é boa, faço erros e até a tinta pouco ajuda. Quem ler precisa ter paciência comigo.

PRIMEIRA DESPEDIDA

Agora, queridos filhos, netos e bisnetos, lembrai-vos de vosso pai, vossa mãe, avô, avó, bisavô, bisavó, aqui e na eternidade. E vós, estimados parentes e sobrinhos, lembrai-vos de nós, por causa de tudo o que sofremos por vós e por todos. Também vós, amigos, também inimigos, se é que os tenho: perdoai-me então, assim como eu vos perdô. Assim quero finalmente acabar de me queixar. Mas de verdade. Sou vosso pai e avô fiel, talvez bisavô, tio e amigo Johann Schramm. Isto eu escrevi em 27/28 de abril até 4 de maio de 1911. Quem ler isto e achar que não é verdade, seja parente, amigo ou inimigo – para mim tanto faz. Deveria ter anotado estas coisas antes. O que vai aqui escrito é a pura verdade. E mais haveria para escrever se eu quisesse. Se fosse escrever tudo, não haveria no "Gaspare" papel suficiente. Mas alguma brincadeira também pode acompanhar!

O IRMÃO GERMANO JOSÉ EM BLUMENAU

Estávamos aqui há mais ou menos 5 ou 6 anos, quando o Dr. Blumenau procurou meu pai e minha mãe, para pedir que minha sobrinha Lisseta Kemperdik fosse liberada para ser governanta na casa dele, em troca de um bom ordenado. Meus pais permitiram durante algum tempo. Mais tarde o Dr. Blumenau falou também com meu irmão Germano José para que fosse com ele a fim de assumir uns negócios. Meu irmão aceitou, indo junto com um outro, de nome Frederico Toegel. Em companhia, começaram a lidar na roça e em outros serviços, plantando bastante cana, fazendo açúcar e cachaça, que na época tinha bom preço. Carneavam alguns bois, vendendo a carne aos colonos na Garcia. Isto funcionou durante algum tempo, tendo o Dr. enviado ainda outros para ajudar, pagando-lhes mensalidade. Mas eram oficiais, cesteiros, mestres-escolas, co-

merciantes e ainda outros, que nada entendiam de lavoura. A estes precisavam pagar mensalidade de 6 a 8 mil réis. E tais mensalistas ainda exigiam toda manhã água e sabão, mais uma toalha fina para lhes serem entregues no quarto. Isto é, alojamento pago ("Zimmerlohn-Bude"), como era de praxe. Mas o Dr. Blumenau ainda nos empurrava outras pessoas, em visita. Não em visita, mas em férias. Isto durou até que ele não suportou mais. Ainda por cima, apareceram os bugres.

OS BUGRES

Meu irmão veio em visita pelo Natal, junto com a esposa Lisseta Kemperdik, com quem havia casado. Já que estava nos visitando, passou conosco o segundo dia da festa, e achou que no terceiro dia festivo devia deixar em ordem sua espingarda, pois não sabíamos o que podia acontecer. Fez realmente uma revisão na espingarda. Toegel, que ainda não tinha decidido arrumar sua arma, foi aconselhado por meu irmão: "Homem, arruma tua espingarda de novo! A minha está pronta, e agora os bugres podem vir." Foi procurar um lugar no quarto para pendurar a espingarda. Mas, quando olhou para fora, começou a gritar: "Aí vem os bugres!" E já foi indo ao encontro deles. Toegel, que ainda não estava pronto com a espingarda, carregou pólvora e atirou gritando: "Bugres! Bugres!" Estava fora de si vendo os bugres aproximar-se. Meu irmão continuava indo ao encontro deles. Quando eles notaram que ele vinha vindo, voltaram em direção ao mato. Quando meu irmão viu isto, parou para pensar. Começou a fazer-lhes acenos, pois não era possível. falar-lhes porque não iam entender. Fez-lhes sinal que, deviam largar seus arcos e suas flechas, assim como ele estava largando a espingarda. Daí falaram entre si, meu irmão largou a arma e foi ao encontro deles. Quando viram que ele tinha largado a espingarda, eles também foram vindo ao encontro dele, mas com arco e flecha. Quando meu irmão percebeu isto, voltou para pegar a espingarda. Vendo-o novamente armado, voltaram para o mato. Mas o chefe deles, parado na entrada para o mato, gritou-lhes que fossem contra meu irmão. Quando meu irmão viu isto, tornou a empunhar sua arma, repetindo o gesto varias vezes, até que eles voltaram

para o mato. Pensou: "Vou pegar vocês!" Começou a correr na direção do rio, quando lhe veio ao encontro o companheiro Toegel perguntando: "Germano, por que é que você está correndo?" Ele respondeu: "Corra você também. Lá em baixo no rio vou lhe contar." Quando chegaram ao rio, meu irmão lhe disse: "Quero pegá-los. Agora nós vamos rodeando este barranco até a cozinha, e daí entramos em nossa casa, subimos ao sótão e esperamos até que voltem."

Nós ainda tínhamos um capanga, que também tinha visto os bugres, e se tinha escondido. Meu irmão o chamou, e eles subiram ao sótão à espera dos bugres. Eles eram só 3: meu irmão Germano, Toegel e o capanga, de nome Nicolau Bornhofen. Sem muita demora, os selvagens também já vinham descendo com gritaria o Morro dos Bugres – assim o morro foi chamado depois. Cinco deles vinham em direção à casa, um sexto ficou ao pé do morro e dava as ordens. Quando os 5 já estavam mais perto da casa, mais ou menos a 300 ou 400 metros de distância, começaram a atirar flechas por toda a parte contra as portas, que tinham ficado abertas. Uma flecha atingiu também a cobertura, no meio dos 3 que estavam ali à espreita. Quando os bugres viram que nada se mexia, desceram a galope, e um deles foi logo ao quarto do Dr. Blumenau, procurou o armário e escancarou a porta, que estalou arrebetada por um deles. O outro bugre ficou parado, olhou ao redor, para ver de onde vinha o estalo. Isto despertou a atenção do meu irmão, e ele aproveitou para atirar o bugre no estômago e no peito. Este logo foi ao chão, largando arco e flecha. Mas levantou-se outra vez, foi se afastando devagar, mais ou menos ainda uns 825 metros, ou umas 400 braças. No outro dia ainda o encontraram com vida. Meu irmão ainda o batizou. Pouco depois ele morreu. Tinha levado duas descargas fortes de uma só vez, pois a espingarda com que meu irmão atirou no bugre era a de Toegel, que com aquele medo pusera carga dupla. Tão logo meu irmão pegou de novo sua própria arma, atirou pela janela num bugre que ele não acertou. Atirou outra vez contra um terceiro, que ele acertou nas costas. E os soldados que¹⁰ perseguiram esses bugres disseram havê-lo encontrado junto a uma árvore, entre duas raízes.

No ano seguinte, os bugres fizeram nova visita, mas com outra

¹⁰ *N.T.* - depois.

estratégia. Quando os homens voltaram da roça de meio-dia, haviam desaparecido do rancho todas as ferramentas e utensílios, junto com a espingarda de cano duplo do meu irmão, mais uma serra grande. Assim os bugres tinham chegado de modo diferente, para cobrar o que tinham sofrido no ano anterior. Um dia, meu irmão também encontrou na roça uma onça ("Tiger") malhada preta-e-branca. O animal o assustou mais do que os bugres. O animal de repente saiu pulando detrás de uma árvore ao encontro dele, e ele estava desarmado. Logo mandou avisar o pessoal na Garcia. Vieram vários homens e mataram a onça. Meu irmão estava sem condições, por causa do susto que tinha levado. A onça não é como o bugre. Esses animais são muito falsos e traiçoeiros. Esqueci uma coisa. Quando os bugres tinham aparecido descendo o morro, meu irmão mandou sua mulher até a Garcia, junto com um capanga; pois tinha se assustado muito. Quando chegou lá, logo contou o que estava acontecendo na Velha. Daí, algumas pessoas logo subiram às pressas, pois ainda não havia estrada como agora. Quando esses homens chegaram, meu irmão atirou na direção dos bugres, e todos os homens fizeram o mesmo. Mas quando se aproximaram do meu irmão, os bugres todos já tinham fugido para o mato. Como já era quase noite, no outro dia os homens foram atrás, e ainda encontraram aquele bugre com vida. Mas ele não sobreviveu mais muito tempo.

O DR. BLUMENAU E GERMANO JOSÉ SCHRAMM

Agora ainda preciso contar como o Dr. Blumenau tratou meu irmão Germano. Como o meu irmão na Velha tinha trabalhado muito para o Dr. Blumenau, em favor de seus visitantes, amigos e vagabundos que não queriam trabalhar, meu irmão reconheceu que a situação não podia continuar assim, do jeito que ele próprio não conseguiria alcançar sucesso nenhum¹¹. Declarou que pretendia abandonar tudo. Foi o que fez. Então o Dr. Blumenau enviou um... e um vadio, pois ele próprio não podia vir. É que sua consciência não estava livre do peso das injustiças de

¹¹ *N.T.* - Expressão alemã: auf keinen gruenen Zweig kommen.

que era culpado. Mandou-lhe um comerciante falido, ignorante nos assuntos, que nada entendia das coisas. Meu irmão, com todos os seus esforços, trabalhos e chateações, havia contraído uma dívida de 700 mil réis, e não tinha como pagar. Mas o Dr. Blumenau se tinha prevenido. Foi onde meu pai precisou ajudar, apesar de minha mãe e meu irmão Francisco não estarem de acordo. Eles diziam que o Dr. Blumenau tinha colocado aquela gente nas costas do meu irmão. Então o Dr. se virasse. Mas meu pai não queria deixar de socorrer meu irmão. E foi o que fez. Meu pai ainda tinha algum dinheiro que não queria usar. Então o pai e meu irmão foram a "Santa Catarina" procurar um irmão do pai. Trouxeram de lá 700 mil réis, a juros de 18 ou 24%, para pagar ao Dr. Blumenau. Com estas e ainda outras histórias nós nos arruinamos por causa do Dr. Blumenau, que tinha o propósito de oprimir ("unterdruecken") os católicos e crentes protestantes também; pois tratava-se de um detestável livre-pensador ("abscheulicher Freigeist"). Foi isto que meu pai e nós todos tivemos que engolir. Aqui coloco ponto final às minhas lamentações. Mas é a verdade, queridos filhos, parentes e amigos, perdoai-me esta letra tão ruim. Sou vosso pai, parente e amigo Johann Schramm.

Suplemento: Não se encontra nos arquivos da paróquia de Gaspar o original alemão de outra carta, bem mais curta do que esta aqui reproduzida em tradução. Escrita por João Schramm em 1900, quando ele estava com 72 anos de idade. A carta é como que um esboço de seu longo escrito de 1911, e não traz nenhuma informação que este escrito 11 anos mais tarde, não nos venha dar. A carta de 1900 foi traduzida em Blumenau, agosto de 1985, por Edith Sofia Eimer. Há nos arquivos uma cópia dessa tradução, de 2 páginas, com o título "Nossa viagem e nossa vida".

João Schramm Faleceu em Gaspar, no dia 26 de janeiro de 1920, quando os Franciscanos, que ele tanto louva na carta de 1900, já residiam aqui fazia exatamente 20 anos.

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**O AUTOR
CATARINA
DIZ QUE
EXISTE**

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ**

O Autor catarina diz que existe

Somos todos insatisfeitos na insatisfação de não sermos autores lidos como desejamos. Esta insatisfação apareceu em forma plural sendo queixa vestida de reclamação e protesto, exatamente, no 2º Encontro de Escritores (UBE/SC) no dia 14.11.97.

Todos queremos leitores e somos ignorados ...

Os de vivências e experiências conceituados aqui e nacionalmente: Jorge Áppel, Lindolf Bell, Salim Miguel, Enéas Athanázio e outros colocaram ponderações e informações orientadoras. E nos inteligentes insatisfeitos salientaram-se dois: (1) Osmard Andrade Faria, autor de "*Eutanásia a morte com dignidade - Depoimento*", disse que livrarias catarinenses não aceitaram vender seu livro (que é uma edição da Editora da UFSC); (2) Abel B. Pereira, que também editor da revista "*A Figueira*" que disse já viver a acomodação com os leitores que consegue.

O problema ganhou a solução de ser prioritário e passou à responsabilidade da UBE/SC, que agora tem como presidente o poeta Alcides Buss.

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

Quando a Coleção Cultura Catarinense apareceu e funcionou

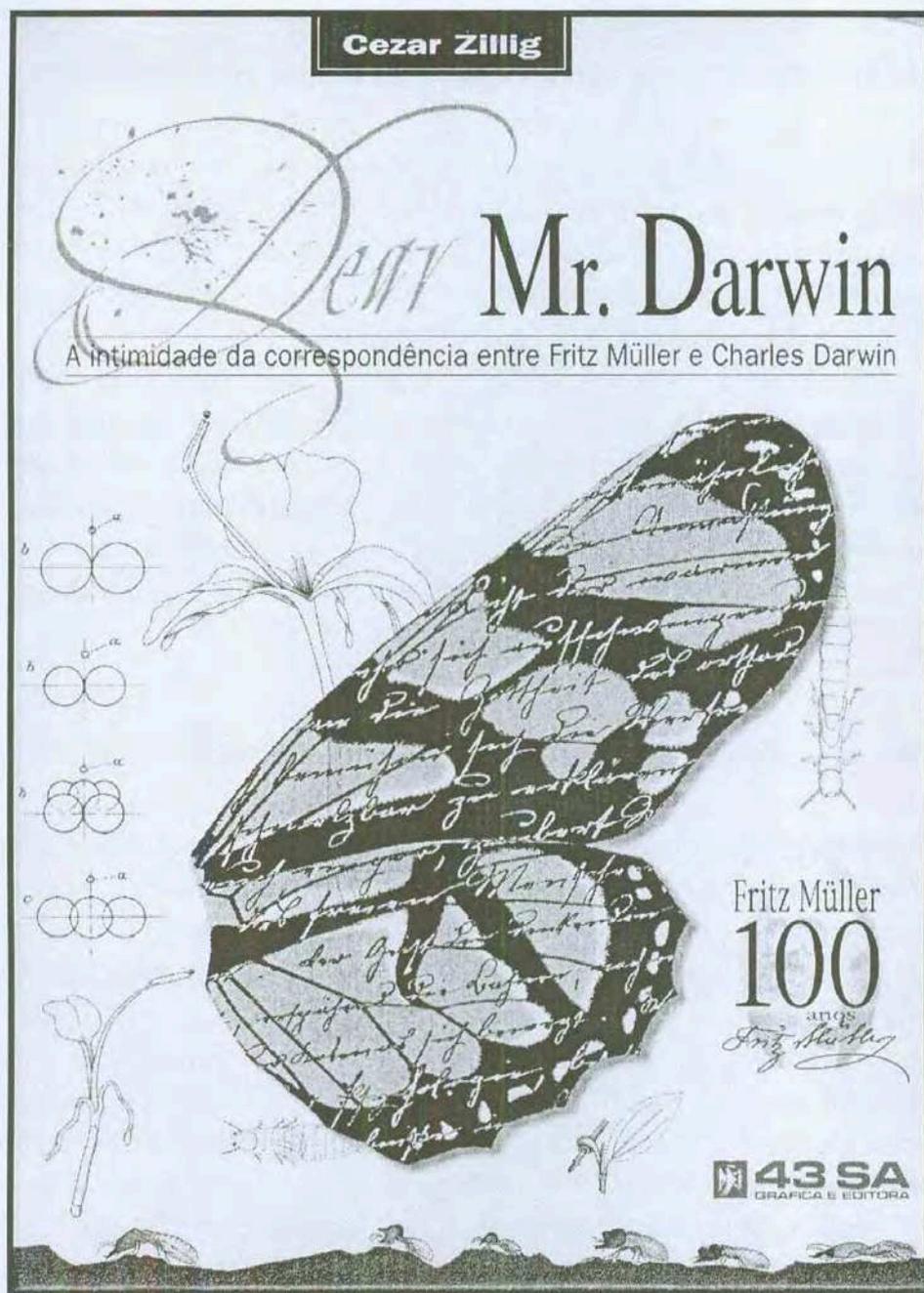
Quem escreve quer ser lido; quem tem original deseja tê-lo editado. Já o governador Antônio Carlos Konder Reis (1975-1979) detectara a insatisfação do escritor nas duas variáveis, e recomendara ao Conselho Estadual de Cultura atuar para atender e solucionar, sem prejudicar o investimento da iniciativa privada.

Por dever de referência que é homenagem, aqui fica registrado que o livreiro Odilon Lunardelli inscreveu-se na ação do Conselho Estadual de Cultura, e foi dos primeiros a instituir nas suas livrarias estantes de livros de autores catarinenses e assegurar a distribuição em nível estadual mesmo dos títulos que não editara. Desde a sexta-feira 12 de setembro-97, estamos sem a dinamicidade livreira e editorial de Odilon Lunardelli.

Não é desinteresse, é desconhecimento

O livro catarina e os outros dependem de publicidade competente. Um comprador o procurará se for informado. Mesmo que esteja entre outros nas estantes das livrarias, nelas ficarão se não forem procurados. O escritor Osmard Andrade Faria, tem a natural ambição de querer o seu livro "*Eutanásia a morte com dignidade - Depoimento*"; também o escritor Cezar Zillig autor de "*Dear Mr. Darwin: A intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*"; também as escritoras Marita Deeke Sasse, Otília L. ° Martins Heinig, Elenir Roedrs Budag, Iara Jane Wollstein e Silvira Cordeiro de Oliveira, autoras de "*A poética do Mito*", todos querem leitores porque para leitores escreveram. E se não os têm satisfatoriamente, é por que falta publicidade criadora do leitor para o livro catarina.

Próva do acima dito são as editoras do "Eixo-Rio-São Paulo" (as financeiramente, estruturadas, é claro!) manipularem canais de grande audiência, assim como fez aquela editora do livro: "*De onde vêm as palavras?*" cujo autor é o catarina Deonísio da Silva.



*Livro em capa dura, edição de luxo, contendo 241 páginas,
no formato 21cm X 29cm, comercializado pelo
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" (R\$ 35,00)
Maiores informações pelo fone: (047) 326-6990*

O Conselho Estadual de Cultura incluiu na Coleção Cultura Catarinense e editou o livro de Maria Joanna Tonzak, "*Lindolf Bell e a Catequese Poética*". Hoje é livro raro e esgotado com o merecimento de segunda edição. E se nela não está, é exatamente, porque o leitor não o procura nas livrarias.

Alguns dos tantos e tantos autores e livros que são muitos sem a publicidade competente

Durante tempo que não foi pequeno vi na prateleira de livraria o livro de Rudney Otto Pfützenreuter, "*O Canto do Inhambu*", nela estavam livros de Flavio José Cardoso, Glauco Rodrigues Correa, Silveira de Sousa e exemplares de "*Saudade e Esperança*", de Valburga Huber, e procurando "*Certas Certezas*", de Mario Pereira, ouvi da vendedora não ser conhecido. Encontrei sem procurar numa banca de Jornais e Revistas: Raimundo Caruso, "*Noturno, 1894*". Andava pelas livrarias interessado em achar de José Endoença Martins, "*Poema Minuto a Poética do Tempo*", pedido por amigo que ambicionava ter também "*Mulheres Honestas e Mulheres Faladas - uma questão de classe*" (livro maior) de Joana Maria Pedro; não os achei. No bloco do não existir publicidade conta-se merecimento de atenção, principalmente, nas fontes editoras seguintes: Editora da UFSC, Caixa Postal 476 - 88010-970 - Florianópolis - SC; Fundação Cultural de Blumenau, Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Caixa Postal 425 - 88015-010 - Blumenau - SC. Quem queira livro da Academia Catarinense de Letras, poderá utilizar a Caixa Postal 912 - 88010-970 - Florianópolis - SC. Mesmo os livros destacados pela procura como são os dos acadêmicos Leatrice Moelmann e Julio de Queiroz, respectivamente, "*Depois do Verão*" e "*As Permutas e outros contos*", só são encontrados na sede da referida Academia.

Mas o problema atual é: o escritor do livro catarina depende de um leitor. Imagina-se com interesse que, a solução consentânea é um projeto inteligente de publicidade competente.

**Autores
Catarinenses**

**- O Sonho
Americano
- Corrupção
tem jeito?
- Variadas**

Texto:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***

O Sonho Americano

Como não temos crítica, muitos livros são publicados, fazem sua carreira, às vezes repercutem lá fora e por aqui poucos tomam conhecimento. É o caso de “46th Street - o Caminho Americano”, de Luiz Alberto Scotto, professor de jornalismo da UFSC e morador de Florianópolis, publicado pela Brasiliense (São Paulo).

Trata-se de um romance, escrito em linguagem jornalística, em que o autor entremeia à ficção as vicissitudes dos brasileiros que procuram começar nova vida em Nova York e se aglomeram na rua que dá título ao livro, pela qual todos votam o maior desprezo, no início, mas quando ali caem não encontram mais forma de sair. “Aí a rua se transformava num labirinto, o sujeito entrava e não saía mais”, diz o autor.

As dificuldades começam com a chegada ao aeroporto. Como a grande maioria é “ilegal”, enfrentar a Imigração e a Alfândega é um teste difícil, para o qual existe uma lista de “macetes” ensinada pelos mais experientes aos novatos. Tudo pode provocar a suspeita fatal que determinará o regresso compulsório, até mesmo a cuia e, principalmente, a erva para o chimarrão.

Vencida a dupla barreira, com o coração aos pulos, acontece o encontro com a metrópole e a dura realidade que aguarda o estrangeiro em situação irregular, em especial o brasileiro, colocado em posição hierárquica inferior aos mexicanos, porto-riquenhos e hindus. Na disputa com qualquer deles para a mais modesta ocupação, o brasileiro é preterido.

*) Escritor e advogado.

Vítima do preconceito, o recém-chegado tem que se submeter às maiores humilhações; ou se curva, ou volta derrotado. Ao lado dos poucos que vencem e se firmam, aparece a grande maioria dos que lutam e pouco conseguem, muitos deles entrando nos descaminhos das drogas, do tráfico e do crime em geral, acordando cheios de melancolia do acalentado sonho americano.

Afora esse viés amargo, o livro tem momentos alegres e divertidos, mostrando a engenhosidade do brasileiro nas mais delicadas situações. Nesse meio não faltam os esnobes (“esquecendo” as expressões da língua portuguesa para se mostrarem mais “americanos”), os que se impressionam com a proximidade física de figurões como Stallone e Coppola os que se casam de mentira com pessoas americanas para regularizar a situação e aqueles que ficam inebriados com os roteiros turísticos e se realizam tirando fotos na Estátua da Liberdade para enviar aos amigos...

Em suma, é um livro interessante e que vale uma leitura...

Corrupção Tem Jeito?

Raulino Jacó Brüning, Procurador de Justiça, acaba de defender perante banca da UFSC tese de doutorado sobre um tema interessante e sempre atual: a corrupção. Em longos estudos e pesquisas ele analisou em profundidade um fenômeno tão recorrente em nossos governos e na administração pública em geral com o objetivo de encontrar explicação para esse mal endêmico e as possíveis providências para sua erradicação.

Com tal objetivo, mergulhou no passado histórico para desvendar a corrupção desde a Antigüidade, restabelecendo seu conceito de ontem em confronto com o de hoje, focalizando-a sob os aspectos ético, político e jurídico. Investigou, em seguida, as causas da corrupção desde a Antigüidade, restabelecendo seu conceito de ontem em confronto com o de hoje, focalizando-a sob os aspectos ético, político e jurídico. Investigou, em seguida, as causas da corrupção (condições culturais, econômicas, sociais, políticas, jurídicas).

Feito o diagnóstico, enfrentou com coragem o tratamento da corrupção, tarefa das mais árduas e que necessita, antes de mais nada, da própria coerção social, supondo-se que a sociedade se decidisse à prática de rigorosa autocrítica, o que me parece pouco provável. Para prevenir e reprimir a corrupção, livrando-nos para sempre desse mal, o autor propõe um elenco de medidas sérias, em cujo efeito põe toda sua fé, e que são: medidas culturais (processos educacionais e de mudança de valores, hábitos e práticas sociais); medidas econômico-sociais (combate ao subdesenvolvimento, diminuição das desigualdades sociais, do analfabetismo, do desemprego, melhoria das condições de saúde, moradia e salário); medidas políticas (visando aumentar a participação da sociedade civil nos negócios públicos) e medidas jurídicas (facilitação do acesso à Justiça, melhorando a apuração dos fatos e dando mais eficiência aos órgãos de controle).

Como se vê, é todo um programa de reabilitação da sociedade como um conjunto, pelo qual o tesista revela o quanto refletiu sobre o tema. Resta ver, como disse antes, se a sociedade está mesmo disposta a essa mudança de postura e como convencê-la dessa necessidade. Pelo que se vê no dia-a-dia, a intenção única parece ser a repressão pura e simples através do agravamento de penas e outras medidas legislativas, coerente com a renitente ilusão de que com decretos tudo se resolve.

Resta agora que alguém estude a corrupção no âmbito privado, desde as pequenas fraudes diárias no comércio até os escandalosos crimes do colarinho branco, desfiando todo o rol intermediário.

Variadas

- Realizou-se em Florianópolis, no auditório do CIC, e 2º. Encontro do Escritor Catarinense. Compareceram, entre outros, os escritores Fábio Lucas, presidente da UBE/SP, Antônio Hohlfeldt e Deonísio da Silva, além de representantes de todas as regiões do Estado. Houve palestras, comunicações, debates e lançamentos, sendo aprovada a “Nova Carta de Florianópolis”, fixando a posição dos escritores catarinenses di-

ante dos problemas do momento. No final, foi eleita a nova diretoria da UBE/SC, cabendo a presidência ao poeta Alcides Buss e a mim a primeira vice.

2º encontro do
ESCRITOR
CATARINENSE
14 de novembro de 1997
CIC - Centro Integrado de Cultura
Florianópolis, SC
União Brasileira
de Escritores - SC

The poster features a dark background with a repeating pattern of stylized, high-contrast faces. The text is in white and bold, providing details about the event's date, location, and organizing body.

- A Livraria Alemã, em sua sede da rua Amadeu da Luz, montou interessante estande dedicado ao escritor catarinense, colocando em destaque as obras mais recentes de nossos autores, divulgando de forma inusitada esse trabalho.

- O médico e escritor Mário Gentil Costa iniciou a publicação de um jornal *sui generis*, o "60ntão", cujo objetivo é acompanhar tudo que vem acontecendo com os integrantes da turma de 1960 da Faculdade de Medicina da UFPR. O jornal procura desvendar o que eles fizeram e ainda fazem, onde se encontram, suas especialidades e inclinações e tudo mais que diga respeito aos médicos de 1960. É claro que o jornal, como adverte o editor, tende a reduzir a tiragem, ainda que seja nosso desejo que lhe isso ocorra sem a

a menor pressa. Mário é escritor com muitos trabalhos publicados e pintor. Reside em Florianópolis, sua cidade natal.

ERRATA

Na contracapa, onde se lê
"vem de encontro aos"

Leia-se:
"vem ao encontro dos"

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=12 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
Banco:
Número:
Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfred Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Annemarie Fouquet Schünke
- Antonio Roberto do Nascimento
- Ariano Buerger
- Armando Luiz Medeiros
- Benjamim Margarida
- Genésio Deschamps
- Mark Deeke
- Nelson Vieira Pamplona
- **Victória Sievert**
- Willy Sievert (*in memoriam*)
- Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A
- **BTV - Blumenau TV a Cabo**
- Buschle & Lepper S/A
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- **Eletro Aço Altona S/A**
- **Gráfica 43 S/A Ind. Com.**
- Herwig Schimizu Arquitetos Associados
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
- Lindner Arquitetura e Design
- Madeireira Odebrecht
- TEKA Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda.
- Unimed Blumenau
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda.

A

exploração da imagem iconográfica como fonte de pesquisa por historiadores, cientistas sociais, jornalistas, antropólogos, e outros interessados, vem de encontro aos objetivos de dinamização e divulgação do acervo fotográfico pertencente ao Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva", que compõe-se de 40.000 imagens à sua disposição.

